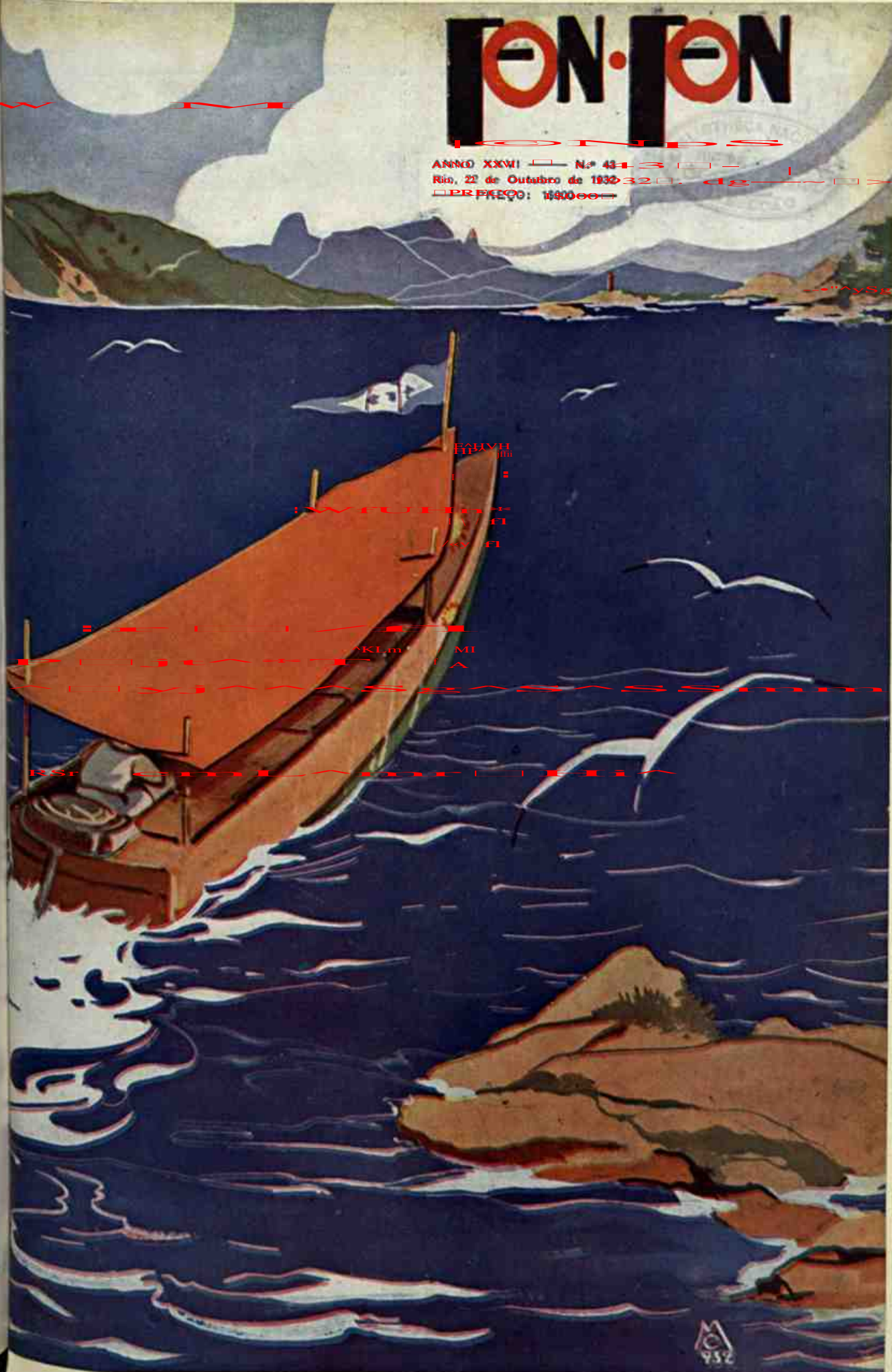
FON-FON
ANNO XXVI — N.º 43
Rio, 22 de Outubro de 1932
PREÇO: 1$000

A confiança exclue a duvida

BAYER

Esse instincto que faz a pomba,—symbolo da paz em todos os tempos—vir comer á nossa mão, chama-se **confiança.**

Para desfructar uma saude perfeita, o symbolo da paz é o sello BAYER que distingue a Cafiaspirina,

o remedio de confiança

contra as dôres de cabeça, dentes, ouvidos; enxaquecas, nevralgias; colicas das senhoras; resfriados, etc.

Ao mesmo tempo que allivia a dôr, levanta as forças, sem prejudicar o organismo. » » »

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

O conto brasileiro

O escrivão de casamentos

(Para Danilo Ramires)

QUANDO estive em Gloria de Goytá, no inicio de minha carreira como juiz municipal, fiz um bom camarada. O escrivão de casamentos. O mesmo Augusto Prudente que as poucas linhas daquella magrissima columna de jornal me annunciavam ter morrido de repente, em pleno exercicio de suas funcções. O imprevisto da noticia, dada a minha affeição pelo morto, emocionou-me bastante. Por momentos julguei vêr na minha frente a sua figura gordanchuda, eternamente suada, com o rosto muito cheio de sangue destacando-se da cabelleira grisalha, mettida em seu infallivel termo cinzento de brim riscadinho e mostrando sempre a fieira dos dentes cariados, num sorriso alegre, sympathico, acolhedor, que servia bem de espelho a sua alma expansiva. Fizemo-nos intimos desde o dia de minha chegada áquella cidade, e, isso porque foi elle quem me preparou a casinha que mandei alugar, e quem orientou, nos primeiros dias, a minha inexperiencia de rapaz que sae dos bancos academicos. E durante os quatro annos que passei naquelle ambiente rustico de sertão, o meu maior interesse foi estudar a força moral que o seu caracter de homem probo e honesto exercia sobre aquella gente simples e bôa. Augusto Prudente era o amigo para todas as occasiões. O conviva indispensavel de toda festa, de toda brincadeira, e, tambem, o consolador extremoso de todos os transes, o conselheiro fiel de todas as situações melindrosas.

Foi o amigo que fiz em Gloria de Goytá.

Era esse o "venerando cidadão" a que se referia o jornal em meia duzia de elogios posthumos, onde se destacava para os meus olhos estaticos de emocionado, entre os demais adjectivos banaes com que procuravam ornar o seu caracter, aquelle solteiro, simples, tolo, quasi desinteressante para quem não conhecesse a sua novella, mas que me fez recordar uma das nossas conversas num dos ultimos dias que passámos juntos.

Foi por uma tarde escaldante, bem sertaneja, de céo polido, nuvens esfiapadas e sol vigoroso a entrar em rectangulos perfeitos por dentro da salinha de frente da casa de Augusto, onde funccionava o seu cartorio. Estavamos sós naquelle ambiente amormaçado, no meio do mobiliario tosco, composto de mesas altas, tamboretes com assentos de couro, duas estantes onde se arrumavam os livros grandes de lombadas vistosas. Eu, saboreando preguiçosamente as noticias atrazadas vindas pelos jornaes de Recife; elle, arrumando com cuidado a sua gaveta de papeis

— Muito serviço hoje?

— E então, doutor! Esta gente acaba mais de se casar? Mez de festa é isto mesmo. Não ha feijão caro, não ha sêcca, não ha mêdo de Lampeão, que empate ;..

(A nossa intimidade, estabelecendo o tratamento reciproco de *você* entre nós dois, não aboliu o costume de Augusto em me chamar, vez ou outra de *doutor*).

— E você, por tratar do casamento de tanta gente, não quiz arranjar tambem o seu, hein?

— Ah! isso não! Deus quando me botou no mundo foi para unir os outros... Os outros, só. Mesmo porque, quem havia de ser o escrivão de meu proprio casamento?

E ensaiou um sorriso apagado, que não foi igual aos que viviam perennemente em seu rosto. Depois, ficou sério. Muito sério. Como nunca o tinha visto. E, mudando de entono na voz, disse-me, em confidencia:

— Como sabe, toda essa gente de Gloria de Goytá se casou aqui nesta sala. Paes, filhos e, agora, netos. Trez gerações, já. Aquelles livros ali são quem sabe contar melhor a historia de minha profissão. Si os tivesse tempo de lêr! Até minha noiva não quiz fazer excepção...

— Sua noiva? E você já foi noivo, Augusto?

— Sim. Já. Ha muito tempo. Quando Gloria de Goytá não era mais que um punhado de casas em torno da matriz... Eu havia chegado de pouco do Recife, recem-nomeado para este lugarzinho que a innovação do casamento civil havia creado... Vivia aqui bancando rico, "gente da cidade", todo dandy em minhas bôas roupas de casemiras, em meu elegante chapéo de côco, muito em moda na época. E não sei porque, talvez mesmo por causa de minha posição, cahi nas graças de "das Dôres". Maria das Dôres. Uma morena bem bonita, bem feiticeira, bem do sertão, não sabe? Uma dessas creaturas de quem a gente gosta logo que vê. O meu amor teve todos os arrebatamentos romanticos de qualquer paixão. Mas *cadê* coragem p'ra dizer? Foi ella, sempre "pimenta", quem demonstrou primeiro

(Continúa na pag. seguinte)

PAPAE SOLTEIRÃO

Por LAURO MENDES

—Optimo. Reduziste esta convencida, Major...

Barton tomou a defesa da irmã:

—Si V. tivesse visto as maravilhosas mãos de Sue, não teria dito tamanha asneira, Major. Vamos, faça as pazes com ella...

Percebi que era mais que evidente que eu tinha sido acceito como fazendo parte da familia. E, sem saber porque, fiquei contente com aquillo. Leila disse-me que Barton estava estudando advocacia. O interessado negou que tivesse tal inclinação.

(Continuação do numero anterior)

—Não. Que pensa sobre o exercito, Major Lancing? Eu pretendo substituir o papae na familia...

—Oh, não! — respondeu Leila. — Brevemente teremos outro official na familia...

Aquillo acordou-me, e eu ia lançar o meu protesto, quando Sue me obsequiou com um olhar allucinante, enchendo meu prato de biscoitos. E como que movidos pela mesma mola, levantaram-se todos da mesa, deixando-me só com Sue. Suas primeiras palavras atordoaram-me:

—Então, V. é solteiro, major? E viveu com um cão?

—Oh, Sue, um homem como eu não fica solteiro a vida toda por accidente. V. pode crer-me.

—Mas isto é com o senhor. Não commigo. Tenho medo de ser solteira e não saber conter-me. Tambem não acho que possa viver sozinha, de não poder manter-me, porque muitas coisas que desejar fazer não poderei conseguir. Mamãe acha o contrario...

O ESCRIVÃO DE CASAMENTOS — (Continuação)

que me queria bem. E nós pegamos num namoro que fez época aqui na cidade. Todo mundo sabia que nós conversavamos *escandalosamente* todas as noites no postigo da casa della, que pretendiamos nos casar no fim do anno e que eu já tinha esta casinha preparada esperando a dona... Mas, graças a Deus, ninguem soube o motivo por que "das Dôres" se casou tão pricipitadamente com outro, mezes depois. Ninguem notou que eu comecei a perceber logo após a primeira phase de noivado. "Das Dôres" fugia de mim. Tinha sempre os olhos vermelhos de chorar. Dizia-me não poder dormir a noite inteira. Pensando sem saber em que. Na morte. No luto. No dia em que eu chegasse a odiál-a. Só eu notei... E por isto mesmo, quiz sanar o mal abreviando o enlace...

— Talvez uma necessidade organica, muito natural na idade.

—Foi o que julguei, doutor. Tanto que uma tarde lhe falei do intuito. Estava tudo preparado. A nossa casa, o enxoval della, até os papeis... Casar-nos-iamos dentro de um mez. E, para o meu espanto, ella disse que não. Que não merecia mais ser minha. Que não podia mais entrar numa igreja vestida de branco, enfeitada com flores de laranjeira, como as outras... Que tinha feito uma doidice, uma loucura, um "sem pensar", e que fôra abandonada pelo homem que lhe promettêra leval-a para bem longe, para o Recife, ou mais além, para as terras que eram o seu sonho encantado e para onde ella nunca poderia ir commigo... Si eu não me chamasse Augusto Prudente (bemdito nome), teria feito a desgraça minha e della naquella tarde... Tel-a-ia estrangulado ali mesmo, como ella propria me supplicou num paroxismo de arrependimento. Mas dominei-me. Detive-me no primeiro impeto. Eu gostava muito della, doutor. E prometti-lhe o que talvez você não promettesse. No dia seguinte, parti á procura do outro homem, do seductor de "Das Dôres". Ridiculo, não?

—Já sei. Você preferiu vingar-se delle. Comprehendeu a fraqueza feminina de sua "das Dôres" e perdoou-a, não foi?

— Oh, Sue. Mesmo sendo-se um soldado como eu, se tem um ouvido e...

— Ah! venha commigo...

Subimos para a sala de visitas, onde um piano dormitava a um canto. Sue sentou-se e tocou "L'Après Midi d'un Faune", e verifiquei que os mysterios classicos da floresta me eram revelados sob o toque maravilhoso dos seus dedos. Tocou tambem uma rhapsodia hungara, que me transportou ás regiões romanticas e quasi irreaes da velha Hungria: tanger de sinos, bater de malhos, sussurros de amantes. Tocou depois uma composição sua, e pareceu-me que os seus olhos de esmeralda compunham para mim a melodia suave que eu via fugir pela janella aberta, em accordes sonoros que retratavam o murmurejo dos rios serpenteantes e o chilrear variegado dos rouxinóes. Quando ella terminou, achei-me inexplicavelmente sentado ao seu lado, na banqueta.

— Sue, tu és um genio, — foi o que pude dizer.

— Não, não sou...

E logo a seguir encetámos o costumeiro dialogo de trivialidade usado na familia: "és, não sou, eu sei que és, não, não sou, etc.", terminando pelo laconico e decisivo, "está bem eu sou", accrescentado de um pedido de que, "si eu era realmente um amigo, que fizesse mamãe Jevons deixál-a só commigo".

Logo á seguir ao dialogo anterior, Mrs. Jevons irrompeu na saleta e convidou-me para pescar, teve uma recusa de minha parte, e a manhã seguinte encontrou-me sentado á margem do rio, tendo Barton como guia, ansioso por cumprir a promessa feita a Sue, de trazer um stock de peixe bastante para o dia inteiro.

Barton confiou-me, então, o seu grande sonho: ser caçador, embrenhar-se nas selvas africanas e ser um segundo "Trader-Horn". Ansiava pelo dia em que em uma armadilha sua cahisse o primeiro elephante, e crivou-me então de perguntas sobre a technica venatoria empregada naquelles transes.

Ficou interessadissimo quando soube que eu tambem já me tinha dedicado a esse genero de sport,

(Continúa na pag. seguinte)

(Conclusão) — O ESCRIVÃO DE CASAMENTOS

— Perdoei a ambos. De modo algum eu lançaria na desgraça, no escandalo, o nome de "das Dôres" já tão compromettido em Gloria de Goytá quando no principio de seu namoro commigo. Sahi, sim, em busca de meu rival, mas, para fazel-o voltar, para obrigál-o a ser o marido da mulher a quem tinha feito mal...

— Você é mesmo um homem fóra do commum, Augusto.

— O doutor, que é juiz, que é formado em direito, acha mesmo que eu, por ter obedecido a lei, sou um homem original? Mas como ia dizendo... Não me foi difficil o trabalho de procurar o homenzinho e menos ainda o de convencel-o a reparar o mal. Encontrei-o em sua fazenda, a dois kilometros daqui, escondido e esperando as consequencias de seu acto tresloucado. Em sua alma havia qualquer coisa de arrependimento. Em seu modo de falar comprehendi que tinha agido por uma paixão brutal, sem freios, motivada pela belleza de "das Dôres" e impossivel ante o facto della já ser minha noiva. Foi fraco. Não poude resistir. E procurou vencel-o daquella maneira, seduzindo-a, tentando-a com passeios, joias, riquezas, fazendo-a sua por uma noite de escuro, com a cumplicidade de uma empregada... E, doutor, um mez depois, num sabbado qualquer, entrou-me aqui no cartorio, vestida de branco, coberta de flores de laranjeira, a noiva que foi minha e que vinha se casar com outro... O destino, hein?

Novamente a physionomia de Augusto se abriu num sorrisso igual ao que servira de prologo á narração. Naturalmente dando já por finda a sua historia. Mas eu, ainda não satisfeito, procurei indagar:

— E depois? Ella? Ainda vive Foi feliz no casamento?

— Ella... Depois... Ah! Sim! Mora na mesma propriedade em que fui encontrar o marido, hoje morto. Tem uma porção de garôtos que são já um punhado de rapazes e de moças. Uma dellas é noiva. A mais velha. E vem qualquer dia desses se casar tambem aqui...

HILTON SETTE

PAPAE SOLTEIRÃO

(CONTINUAÇÃO)

depois da guerra, quedando-se boquiaberto quando lhe disse que abandonára o exercito para ir á Africa.

Na situação em que me encontrava, solteiro e sem meu habitual companheiro, creio que nenhum homem desejava mais a guerra do que eu. Mas, haveria logar para outra guerra? Haveria mais homens para morrer? A vida se tinha tornado uma gymnastica complicada, com setenta por cento da população do mundo pagando impostos para o resto. Somente alguns como eu tinham a felicidade de, cada fim de anno saccar a mais sobre o seu credito e procurar um recanto delicioso para descansar. O dinheiro de que dispunha era demais para minhas necessidades. E si Barton tinha tanto empenho em ir seguir uma carreira com que sonhava, por que não encaminhal-o para lá. Em que poderia eu empregar o meu dinheiro? Caridade? Eu tinha umas plantações em Kenya, na Africa, e poderia enviar o rapaz para lá, quando elle quizesse. E Sue, com a sua maravilhosa interpretação, poderia seguir, á minha custa, para aperfeiçoar-se em Paris ou onde muito bem entendesse.

Verifiquei, assim, que na casa de Flagg Jevons — o meu melhor capitão — faltava a disciplina. As aptidões estavam trocadas. A Sue destinavam um marido, quando lhe sorria a musica. De Barton queriam fazer um advogado, quando elle sonhava ser caçador. Leila Jevons fazia o possivel para manter em equilibrio a grey revolta.

Durante as semanas seguintes, nos encontravamos varias vezes. Porque eu recusára a hospitalidade que me offereciam, receioso de ser fragil para não resistir ao encantamento. Principalmente Barton, que vinha frequentemente tomar um "drink" commigo no hotel. A irrequieta Mabs tambem vinha muitas vezes brincar commigo, entretendo-me em palestras em que eu já achava immensa graça, e fazendo dos meus joelhos a sua cadeira predilecta. Pela primeira vez eu achava algum encanto na solidão e já não pensava tanto no meu "Why". Tres crianças — eu considerava Sue como tal — fazem deliciosa a vida de um homem solteirão.

Foi por seus cavaqueios que eu soube que Sue tocava violino tão bem como piano, e si o tivesse sabido ha mais tempo teria mandado para ella aquelle velho Cremona que jazia ha tantos annos entre os meus objectos esquecidos numa velha arca. E Sue achou-o magnifico de sonoridade logo que os seus adoraveis dedos lhe feriram as cordas, e seus olhos maravilhosos me expressaram a sua gratidão.

— V. é uma creatura adoravel, Major, e este violino parece que me trouxe a felicidade.

— Pelo menos parece — respondi eu — e não era necessario a mim.

Mrs. Jevons tambem foi da opinião da filha. "Um presente de sensação" — adeantou — embora eu não tivesse falado em presente...

— Sue tem um muito bom, que eu lhe comprei em Salisbury. O seu está admiravel para a pratica das grandes peças. E cada vez fico mais satisfeita por ver que vocês dois estão se tornando cada vez mais amigos.

— Não tenha receio, Leila — eu chamava-a agora assim, — porque commigo as difficuldades que a affligem desappareceram todas.

— Assim o seja. Mudando de assumpto, eu recebi esta tarde uma carta dos meus advogados, informando-me que, com os novos impostos...

— Ah, os advogados nunca informam nada...

— Realmente. E é incrivel como são pagos regiamente para escrever tão horriveis cartas. Poderia ter isto de graça. Não acha que sou feliz em mandar o Barton estudar advocacia?

— Não acho que haja felicidade nem sabedoria em mandar uma pessôa dedicar-se áquillo para que não tem queda...

— Mas, Major, alguem terá que ser advogado aqui. O meu Flagg...

— Olhe, Leila, mudemos de assumpto. E' necessario que tenhamos uma conversa seria a respeito de Sue.

Por um momento, pareceu-me que o mundo vinha abaixo, e que terminariam todos os meus tormentos e as inquietações de Mrs. Jevons.

— A respeito de Sue, Major? Você? Bem, bem...

— Esta menina é um genio...

— E'. Mas não o será para o homem com quem se casar...

— Provavelmente que não...

— Não?

— E'. Geralmente, um genio deve ser acompanhado por outro genio. Ella deve ser enviada á

REFLEXOS

Sob a exaltação céga de elevado sentimento que me véde a vista á realidade do mundo exterior, eu creio, eu sinto que me querem bem, que me devotam a mesma profunda emoção que reina dentro de meu ser...

E, sem lembrar-me de que mui raramente duas almas unidas attingem a mesma plenitude, fico a meditar feliz, ora á claridade meliflua do luar..., ora mesmo á luz prodiga do sol..., ora ao brilho attrahente das estrellas..., e ouvindo sempre, em tudo, a musica divina que

PAPAE SOLTEIRÃO

(CONCLUSÃO)

Allemanha, para estudar musica. Além do mais, eu penso...

— Não precisa dizer. Eu sei...

— Sabes o que?

— Que V. Gosta della, Major Lancing...

Hesitei, antes de responder.

— Sim. Gosto. Mas, com restricções.

— Então — adduziu Leila, com uma leve tremura na voz — é só dizer...

Percebi que o momento era decisivo para um solteirão. De um lado, o meu amor á arte de Sue, meu interesse artistico, que via nella unicamente um futuro orgulho para a America. De outro, o meu respeito á memoria do meu extincto companheiro. E, num emmaranhado de recordações, apresentavam-se a seguir o encanto até então não prelibado na minha convivencia com aquella gente, as pescarias em que Barton me fazia tão bôa companhia, as tagarelices de Mabs e Donald, e aquelle tapete pleonastico com a symbolica palavra "Paz". Fraquejava, e de qualquer maneira a recordação de "Why" se esfumaria da minha memoria. Respondi:

— Eu quero todos, Leila, você, Donald Barton e aquelle diabo daquella Mabs. E Sue. Quero toda a tribu.

— Mas como poderá V. ter a todos? Impossivel...

— Mas, tambem, V. não percebe que isto é demais para as suas forças, Leila?

— Eu faço o possivel...

— Mas falta orientação. Barton vae ser advogado. E Sue, um genio, está unicamente procurando um marido. A menos que...

— A menos o que?

— Que V. chame a reserva...

— A reserva?

— Sim. A reserva. Quando, na guerra, um soldado morre, deixando uma brecha na tropa, immediatamente o nosso dever é substituir aquelle soldado por outro, preencher a vaga. Esse soldado que substitúe o outro é o reserva, o reservista.

— Não comprehendo. V. cada vez me confunde mais.

— E' que eu sou um velho reservista...

— E que tem isso com Sue?...

— E' que eu pensei que mocidade pede mocidade, e a unica isca que os homens de meia idade podem offerecer á mocidade é envolvêl-a com certos envoltorios faiscantes.

— Quaes?

— Ouro, platina, ou estas pulseiras de diamantes tão em uso hoje...

— Agora comprehendo. Justamente ha vinte annos um homem me falou assim desta maneira. E creio que não ficará aborrecido commigo si eu lhe disser que agora entendo tudo ás mil maravilhas, e si, por meus affazeres e meu egoismo com Sue, não o comprehendi ha mais tempo.

— Então, agora posso falar livremente?

— Sim. E deixe-me agradecer-lhe, e ao mesmo tempo dizer-lhe que, si o desejasse, poderia ter levado Sue comsigo...

— Ora. Eu não procuro um genio...

— Então eu não o sou...

— Sim, Leila, tu o és. Mas sempre ouvi dizer que os solteirões casados sempre encontram, até o resto da vida, pequenas particularidades nas companheiras que os fazem considerál-as mais que genios.

— Então, já que os factos tiveram tão atordoante resoluções, deixe-me que vá pedir autorização a meus filhos... para casar-me... para preencher a vaga do capitão Flagg Jevons com o Major Lancing. E espero que o meu exercito não venha a ter um posto mais alto do que este...

* * *

"Why"...

Depois de casado, com a minha segunda familia, eu me ponho a pensar o que julgará de mim o meu pobre "Why", repousando eternamente no seu cemiterio improvisado, com o *requiem* sinistro das balas silvando sobre o seu tumulo. Os cães são creaturas devotadas ao homem, e totalmente desinteressadas. E gostaria de ter a certeza de que esta minha nova familia e a maneira feliz por que realizei o meu consorcio com aquella "tribu" não é mais do que a completa acquiescencia daquelle que, tendo nascido sob o calor da metralha, viveu commigo durante quasi vinte annos.

D'ALMA

Me embala e faz sonhar docemente...

E só quando fataes circumstancias, ou a bruta desillusão, de tanto instar, conseguem meu entendimento esclarecer, é que vejo não ter o mundo exterior se patenteado aos meus olhos como realmente é, porque na pessoa querida eu me ouvia, e contemplava-me a mim mesmo como em um espelho resplandecente... Maldigo, então, a atroz e clara verdade que offusca o reflexo suave e scintillante de minh'alma...

PEDRO PAULO FARIA ROCHA

A FERMENTAÇÃO DOS ALIMENTOS

GILBERTO (S. Paulo) — Não sei a que se refere o texto de sua missiva. Ella não traz data. Mas é possivel que tenha ficado retida em S. Paulo, devido á revolução.

Assim, chega ao meu poder com grande atrazo.

Dahi a razão porque allude a um facto antigo, como seja o de D. Lethes.

Em todo caso, como o sr. me pede publicál-a, ella ahi vae, na sua integra:

"Snr. Yves. A resposta que o meu colega Mario recebeu hoje, fez-me lembrar que eu queria também dar uma opiniãozinha á D. Lethes.

O Mario é meu amigo, um companheiro de quarto, gosto muito dele apezar do quanto abusa das minhas coisas, mas é um calouro, calouro até no amor... Ele não sabe o que é a gente passar dias e noites atormentado por uma idéa fixa, pensando sem treguas numa creatura que agrada, machuca, judia, mente e beija com toda a arte, aprendida nos livros de Wilde.

O meu caso é este — desvario puro, ultimo modelo... Sinto que essa pequena nunca mais sairá da minha idéa e não ha forças que a façam *virar* platonismo, como no caso do Mario... Platonismo, tive um — uma mulher perigosa que me olhou uma vez só, no tempo e geitinho sufficientes para não ficar esquecida, mas que ficou só nesse olhar, porque o marido dela não era, nem é sopa...

A' pergunta de D. Lethes respondo isto: um homem intelligente (modestia á parte) esquece quasi inteiramente um amor platonico e lembra cada vez mais, com saudade, remorso, odio ou ainda desejo um amor desvario...

Creio que esta carta não está impropria: D. Lethes, presumo, não deve ser menor.

O Mario agradece a sua gentileza, publicando a carta dele e eu tambem lhe agradeço a attenção, se o Sr. chegou até aqui. Gilberto — S. Paulo."

K. LOURO (Minas) — O sr. expõe mal as suas idéas. Vejamos o inicio do seu conto.

Eil-o:

"Toda a cidade a sabia minha e eu della. Mas esqueceria no sul, quando visse suas mulheres. A terra e gente que me viram nascer e crescer, tudo e todos.

Terminara o curso gymnasial e ia como os moços idealistas de minha terra aproveitar a mocidade, o melhor da existencia, no sul. Toda a gloria da terra não lhe vale um dia de gozo. E mais uma de suas escolas que desse sobre todos o direito ao doutor praqui e pracolá... Optimo presente de casamento com o offuscante annel a illuminar a vida..."

Afinal de contas, que quer dizer o sr.? não entendi nada.

O difficil, no escriptor, está é na clareza da exposição das idéas — sem cair na banalidade.

Mas o sr. não chega mesmo a se exprimir de maneira a ser comprehendido.

Poema de dôr e de ternura

As horas lentas e os minutos de ansiedade
em que o pensamento vôa como o incenso religioso
de um turibulo ao pé do altar,
vão rolando,, sumindo, marcando, ferindo
os nossos sonhos, as nossas almas, as nossas vidas,
com o cortejo das esperanças,
com o cortejo das desillusões.

As finalidades santas e gloriosas esperadas no destino
vão-nos surgindo, lado a lado, em fórmas de amargura e desconfôrto.

As idéas que nasceram como rosas,
os sonhos que voaram como o pólen de um floral,
as syllabas que silenciaram na distancia,
Todo, todo o nosso mundo de desejos e caricias!

Concordemos em que a felicidade não mais nos assistirá,
porque a felicidade espalhada pela terra,
cansada de lutar em busca das estrellas inattingiveis,
abandonou o movimento, as céllulas agitadas, a sêde dos horizontes,
e foi residir nas sombras mansas dos silencios adormecidos.

Hoje, só nos resta a conformidade da nossa dôr immensa,
a uniformidade dos nossos sentimentos,
dentro da vida, artificialmente bella, mas positivamente abrupta,
perante as coisas que mecanicamente se deshumanizaram.

Mas os males que te vão de mim,
as lágrimas que me vêm de ti,
o corollário de nossas ambições insatisfeitas,
hão de ser os unicos signaes que havemos de guardar
das horas infelizes!

E, como um par que, de mãos dadas,
reza pedindo remissão de seus peccados,
ficaremos, irremediavelmente tristes, religiosamente unidos,
para a tua Gloria! para a minha Gloria!

RUY CÔRTES

ROXANE (?) — Infelizmente não posso attender o seu pedido de graphologia. E' muito trabalhoso.

Para fazel-o, como a maioria dos graphologos, que se limitam a "adivinhar" o que a letra revela, eu não faço. E' uma questão de critério.

MARILAH (Capital) — Oh! E' encantadora a promessa que me faz. Creia que tenho o mesmo interesse que manifesta pelo caso.

Aguardarei a opportunidade com o maior prazer.

E' possivel que eu a comprehenda muito bem, uma vez que ha pontos de estreita affinidade entre os nossos espiritos.

A sua cartinha é deliciosa. E si a autora corresponder á impressão que ella me causa, póde ficar certa de que não ha creatura mais fina, mais gentil e, sobretudo, mais amavel.

Quanto ao meu telephone, a coisa mais facil do mundo é encontral-o.

Basta ler o *coupon* desta pagina. Estou aqui entre 10 e 11 horas e de 1 ás 5 horas da tarde.

MARTHA (Minas) — O ultimo romance de Veiga Lima intitula-se: "Maria Eleonora". E' um livro lindo, cheio de emoção e belleza e, nelle, o conhecido romancista nos revela certos aspectos da alma humana que impressionam vivamente. Vale a pena lel-o, porque Veiga Lima é, além de outros titulos que o tornam um escriptor admiravel, um estylista encantador.

"Maria Eleonora" é encontrado em todas as livrarias do Rio, de S. Paulo e Bello Horizonte.

Paulo Gustavo é o poeta victorioso de "Divina Amargura" e "Por amor ao meu amor". E' o poeta moderno, por excellencia, que as moças disputam com enthusiasmo e admiração.

Graças a esse prestigio é que o autor vê as edições dos seus livros esgotadas, como aconteceu com os acima citados.

"Divina Amargura" apparece em 2.ª edição, editado pelos Irmãos Pongetti. O trabalho graphico é excellente. Acha-se á venda em todas as livrarias desta capital e dos Estados. E' de esperar que obtenha o successo da anterior. Isso a julgar pelo interesse que v. ex. e outras leitoras bonitas, manifestam pelas obras do poeta Paulo Gustavo.

JOB (Capital) — O seu soneto "Confissão" não serve para o "Fon-Fon".

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 22 - 10 - 932

Data da consulta..............

Nome da consulente..............

....

O destino das interrogações...

Estaquei, frio e mudo, á porta aberta de todos os Senaculos.
Passei, indifferente, pela estrada estreita de todas as
Philosophias e de todas as Religiões.
E lancei, por sobre as mil modalidades da Arte e da Sciencia,
um olhar que, comquanto de duvida, era de Bondade.

(E todos viram, em mim, o incrédulo que eu não fui).

Li, contricto e resignado, a legenda mysteriosa e archaica
dos Mundos, das Raças, dos Seculos e da Vida.
Assisti, acabrunhado, mas com a physionomia do palhaço
da lenda, ao desfilar phantasmagorico das Idades,
das Eras e das Gerações.
E parei, absorto, ante a imperfeição da Especie Humana,
que os sonhadores me diziam perfeita.

(E todos viram, em mim, o inconsciente que eu não fui).

Ouvi o linguajar macabro da adversidade indefinida.
Soffri o anathema das humilhações incomprehendidas.
Calei o estertor dos desesperos profundamente humanos.

(E todos viram, em mim, o covarde que eu não fui).

... E, um dia, do amalgama do incredulo, inconsciente
e covarde, surgiu o Artista perfeito.

Puz, então, o bálsamo do Amôr sobre as chagas virulentas
da miséria sem nome e sem destino,
da miséria que se parece com os grandes rios.
Accendi as lampadas de mil velas da Emotividade
universal, para deslumbramento interior
dos que, como eu, vieram para o baptismo do Soffrimento.
Levei, á cruz intangivel da Serenidade, os braços
fortes e os crispados punhos da Angustia humanizada.

(Então, ninguém! ninguém quiz ver, em mim, o estheta que eu fui!).

Ironia?
Fatalidade?
Determinismo?

Ha interrogações que se parecem, extremamente,
com certos destinos...

Ah! o destino das interrogações...

JAYME DE SANT'IAGO

CASAS DE SANTOS

(Inédito do «Manipueira»)

A Gustavo Barroso

De Fran. Martins

DUAS coisas prendiam a attenção, tempos atráz dos viajantes que, pela primeira vez, visitavam o Joazeiro do Cariry, a legendaria cidade cearense onde, ha decennios, reside a veneranda figura do Padre Cicero Romão Baptista: um boi que obrava milagres e as chamadas *casas de santos*.

O primeiro era um gordo zebú, de propriedade do sacerdote, calmo e inoffensivo, a que o vulgo attribuia propriedades sobrenaturaes. Não raro se ouviam narrações de graças obtidas por intermedio do mysterioso bovino e este passeava livremente nas ruas da cidade, os cornos enfeitados de fitas, respeitado pelo populacho, que quasi chegava a adorál-o.

O zebú morreu. Resta ainda, porém, a outra maravilha joazeirense, mais simples, é certo, mas onde o viajor, sociologo ou folklorista, passa horas com o espirito preoccupado para casos dignos de nota, em que se vêem bem definidos o caracter e a mentalidade dos superstisiosos filhos do sertão.

Imagine-se um casarão atufado de imagens de todos os santos e em todos os tamanhos. Por estantes esparsas, medalhas dos mais differentes feitios, terços, rosarios, bentinhos, fitas cordões, recordações de milagres e pedacinhos de objectos que pertenceram a bemaventurados e eleitos. Esses são os artigos a explorar e uma população cosmopolita, diariamente augmentada por novas caravanas de crentes do poder miraculoso do padre Cicero, chegadas do Maranhão ou de Alagôas — essa população ahi encontra as lembranças que deverão ir para os parentes e amigos, os quaes, além, ficaram fazendo votos de bôa viagem e esperando que o santo sacerdote envie bençãos e indulgencias para conforto de suas familias e paz dos seus lares.

As casas de santos fervilham diariamente e seus donos e empregados esforçam-se para servir aos mais exigentes freguezes. Lá se encontram, de maneiras diversas, "registros", de Nossa Senhora das Dores, a padroeira do Joazeiro, abençoando, no alto das nuvens, a cidade onde reside o illuminado Patriarcha. Lá existem medalhas minúsculas, com o padre Cicero e o padre Eterno, os dois juntos para demonstrar á mentalidade rústica dos romeiros o poder que alcançou nas alturas celestes o celebre sacerdote cearense. Lá se vendem "imagens" da beata Maria de Araujo, a santa do Joazeiro, que morreu tysica e em cuja bôcca as hostias, ao tocar, se diluiam em sangue... E os romeiros, ignorantes, acceitando com bôa fé todos os casos fabulosos que se lhes contam acerca de pessôas e coisas, vão comprando aquelles registros, os bentinhos, as imagens, as medalhas, os cordões, os rosarios... Compram tudo, até encher grandes bacias, muitas bandejas, e levam respeitosamente para o padre benzer com uma cruz, indulgenciar as medalhas, sagrar os registros.

Naquelle dia, um grupo de romeiros dizia ter chegado, á tarde anterior, de Palmeiras dos Indios, em Alagôas, afim de pedir noticias ao padre Cicero de um filho que fugira de casa havia dois annos. Desesperados de procurar o rapaz, depois de empregar os meios possiveis para rehavêl-o, não trepidaram aquelles crentes, um casal, uma filha môça e duas criancinhas, transpôr a grande extensão de terra que vae das Alagôas ao sul cearense para, como ultima esperança, pedir o conforto do velho Patriarcha, saber si o sacerdote, com os seus altos poderes, podia dizer onde se encontrava o rapaz ingrato que abandonára a casa e nunca mais déra signal de vida.

Depois de comprar grande quantidade de santos, a familia já ia retirar-se. Perpassavam, pela ultima vez, os olhos sobre os quadros e, si algum dos caixeiros attentos offerecia um novo crucifixo, um registro moderno, respondiam com um gesto que não se agradavam daquelle santo ou já possuiam comsigo outros mais milagrosos.

Ao aproximar-se da porta, subito, a mocinha parou, sustendo a mãe pelo braço e cochichando-lhe alguma coisa ao ouvido.

O caixeiro, esforçando, attendeu logo:

— Mais alguma coisa? Um "Christo Redemptor"? "Nossa Senhora do Brazão"? A medalha de Santa Edwiges?

A velha porém, sem ouvir as offertas do empregado, sorrindo ao que a filha lembrára, virou-se para o rapaz e interpellou, com curiosidade:

— *Ahn! Vossemecê num tem ai a image milagrosa do zebú de meu Padrim?*

O QUE SE DEVE SABER

DO REINO ANIMAL

A abelha vive de seis mezes a quatro annos; a lebre, 8 annos; as ovelhas, gallinhas e pombos, 10; o rouxinol, 15; os macacos morrem entre os 17 e os 18 annos.

E' muito raro passarem os cães de 20 annos; o lobo, o rhinoceronte, a vacca raras vezes tambem chegam aos 22; o leopardo, a hyena, o jaguar e o porco, vão até 25; o veado, o cavallo, o burro, o boi, 30; o gavião, 40; o pelicano e o castor, 50; o salmão e o tigre, 60; o leão, a enguia, o crocodilo e o elephante, 100; os cysnes, os papagaios e os corvos, 200; a baleia (que bateu o *record*) pode viver até 10 seculos.

*

A mosca vôa a uma velocidade de 7,62 metros por segundo; a codorniz, á velocidade de 17,80; o pombo-correio, 27; a aguia, 31.

O som, segundo os meios, propaga-se nas seguintes velocidades: no ar (a 0ºc) á velocidade de 33,1 metros por segundo; no alcool (al 95%) á velocidade de 1241; na agua, á velocidade de 1435; no aço, de 5000, etc.

A agua da chuva cáe á velocidade de 11 metros por segundo; a lebre corre á velocidade de 25,34.

*

Os aeronautas dizem encontrar poucas aves nas altas regiões que visitam. Segundo affirma Mr. Hergesell pouquissimas aves se encontram em altitudes superior a 400 metros. No emtanto, as aves de rapina e as cegonhas vôam a mais de 900 metros de altura.

As andorinhas ultrapassam de mil metros; o corvo eleva-se a 1400; e, por ultimo, a aguia attinge altitudes de 3000 metros e o condor dos Andes ainda mais se eleva.

*

De accordo com estimativas merecedoras de fé, as codornizes vôam á razão de 17 metros por segundo ou sejam a 61 kilometros por hora; os pombos-correios, 27 metros por segundo, ou 100 kilometros por hora; as aguias, 31 metros e 112 kilometros; e, por ultimo, as andorinhas, 67 e 241 kilometros, velocidade verdadeiramente admiravel.

O ENYGMA

De E. Ricardo

MEU amigo Luis Fernando foi visitar-me e pedir-me um conselho de extrema delicadeza. Como é um dos companheiros de collegio a quem mais estimo e considero, por suas nobres qualidades não podia negar-me a dar-lhe o conselho pedido, e muito menos a disfarçar-lhe a verdade, para sahir da situação com alguns sophismas.

— Vou casar-me com a viuva de César Constante — disse-me elle. — Sei que foste amigo intimo do casal, cuja casa frequentavas diariamente, e desejo que me illumines em passo tão sério, pois para te falar a verdade, vejo nessa mulher coisas que me intranquillizam.

— E queres que eu?...

— E' isso: desejo que me digas com toda franqueza o que souberes a seu respeito. Eu ainda não consegui penetrar no coração de seu genio. A's vezes ella me parece um anjo; ás vezes...

— Um demonio, não é verdade? Pois ella é as duas coisas. Contar-te-ei, com a franqueza leal que te devo, a historia de seu matrimonio, e por ella poderás julgar. Não farei o menor commentario. Limitar-me-ei unicamente á narração dos factos.

"Quando conheci e me tornei amigo de Cesar, elle já estava casado havia cinco annos com Francisquinha. Creio que foram felizes em sua vida conjugal apenas alguns dias. No fim de duas ou tres semanas começaram os aborrecimentos. Quem teve a culpa? Não o sei. A unica coisa que te posso affirmar é que César era um homem de bonissimos sentimentos, apaixonado, nobre de caracter e puro de coração. Que amava sua esposa com loucura e que a deixava sempre em completa liberdade de seus actos, sem contrariál-a em nada. Apesar de tudo isso, cinco annos depois de casado a odiava, com um odio implacavel. e quando eu comecei a frequentar sua casa como amigo intimo e confidencial dos dois, a vida conjugal de meus pobres amigos era um verdadeiro inferno. As discussões entre elles eram diarias, a cada momento, a cada minuto, e provocadas por qualquer motivo sem importancia, e muitas vezes sem a menor sombra de motivo.

"Ao chegar aqui, meu caro Luis, devo confessar-te que, na minha opinião, sempre era Francisquinha a culpada.

"Sendo, como é, uma mulher honradissima, em quem seu marido podia depositar uma confiança absoluta, tinha, no emtanto, um despeito que a tornava insupportavel: o máo genio. Não conheceste nenhum desses seres que, não sei por que fatalidade, parecem comprazer-se em amargura a vida de tudo o que está a seu lado? Pois um desses seres era a mulher a quem amas. Era invejosa, irascivel, vehemente até o exaggero, e gosavta sempre de contrariar a todos e por tudo. Como te disse, Cesar chegou a odiál-a. Mas ella lhe pagou muito bem esse odio. A só presença de meu amigo a punha nervosa. Incommodavam-a até seu modo de andar, o tom de sua voz, suas expressões habituaes, a maneira de comer, e de assoar-se, e de agir... E não falemos de suas opiniões e de suas idéas a respeito de todas as coisas... Si gostava, era um dissipador. Si economizava, um avarento desprezivel. Afinal, a vida, para meu pobre amigo, se tornou de tal modo intoleravel, que elle resolveu mover a acção de divorcio. Francisquinha acolheu a proposta num dia de horrivel altercação, com grande regosijo e disposta, tambem, a dar aquelle escándalo.

"Procurei, a principio, dissuadil-os, reconciliál-os. Mas acabei comprehendendo que o divorcio se impunha e até me vi obrigado a aconselhar-lhes a separação definitiva para que aquillo não tivesse por fim uma tragedia. Naquelle mesmo dia, foram ambos consultar seus respectivos advogados.

"Mas eis que, de repente, mudou radicalmente a coisa. Foi algo que parecerá inverosimil, absurdo, aos caracteres superficiaes. Um desses phenomenos psychologicos que se realizam ás vezes na alma da mulher, e que nós

os homens, não conseguimos penetrar.

"César chegou enfermo em casa. Deitou-se sem cumprimentar siquer sua mulher, e esta, que soube, pelos criados, que seu marido estava indisposto, não se dignou entrar no quarto para vêl-o.

"Mas, no dia seguinte, o medico declarou que César tinha uma febre typho, e que seu estado era desesperador.

"Pois bem. Aquella mulher se transformou da maneira mais radical que se possa imaginar. Parecia ter esquecido todo o seu odio, não pensou no perigo do contagio, no possivel abalo de sua saúde e de sua belleza... Uma mãe não se mostraria mais abnegada, mais amorosa, mais solicita no tratamento de seu filho. Nem um momento se afastou ella do leito do marido durante os dois mezes que durou a enfermidade. Permaneceu semanas inteiras sem mudar siquer de roupa para repousar. Passou os limites da resistencia humana, sobrepondo-se nella a vontade á fragil materia, vencendo o somno, a dor physica, tudo, como si um amor immenso a ligasse áquelle pobre ser moribundo a quem dias antes parecia aborrecer. Graças a ella e a sua abnegação, poude César voltar á vida."

— E então? — perguntou Luis Fernando.

— Então, voltou para elles a existencia anterior. Mas César não mais falou em divorcio. Soffreu com resignação as intemperanças de sua esposa e foi mais victima que nunca daquelle genio endemoninhado e incomprehensivel. Já o ligava a ella a gratidão. Elle havia encontrado um fundo de bondade inesgottavel naquelle coração e chegou a ficar convencido de que Francisquinha o amava sinceramente.

"Pois não supponhas que dali em deante elles fossem felizes. Ao vêl-o já restabelecido de todo, a intoleravel como antes. Qual o que! Peor ainda: estava certa da submissão de sua victima, e, valendo-se da ascendencia que havia adquirido sobre elle não perdoava meio algum para torturál-o e mortifical-o.

"César enfurecia-se algumas vezes. Mas logo se recordava da grande dedicação que Francisquinha lhe havia demonstrado. "E bôa, no fundo" — pensava. E immediatamente depunha sua attitude áspera e procurava acalmál-a com phrases carinhosas.

"E o pobre César morreu convencido de que tivéra como esposa um anjo de péssimo genio, mas bom no fundo. Assim, os dois ultimos annos de sua vida foram quasi de ventura.

"Agora já sabes que resolução deve tomar, meu caro Luis. Vaes unir tua vida a uma mulher bôa no fundo e insupportavel na superficie. Talvez consigas chegar a esse fundo, supprimindo o exterior. Talvez saibas explorar essa mina de ouro que dorme escondida nas profundezas da alma de toda mulher. O superficial, o extremo é muitas vezes, sempre talvez, originado tambem por causas exteriores: a educação, os azares da vida, a escravidão galante a que a submettemos — tudo isso faz com que a mulher se nos mostre frequentemente como um ser monstruoso, merecedor de desprezo. Mas, no fundo, até a ultima das mulheres guarda um thesouro de bondade inesgottavel e uma propensão natural, espontanea, inconsciente e até instinctiva para o sacrificio".

— Póde ser que tenhas razão. Mas já não me caso com Francisquinha, por não saber si encontrarei o filão de ouro... Sobretudo, porque não sei si, para isso, chegarei ás portas da morte, como teu amigo.

— Faze o que entenderes. Afinal de contas, a mulher será sempre um enygma para nós. Toda a questão está em conseguir decifrál-o...

NO TEMPO DO CAPTIVEIRO

Corria o anno de 1843. No interior da Provincia de São Paulo, achava-se situada a fazenda do coronel Joaquim Barbosa. O abastado plantador de café possuia cerca de duzentos escravos, que trabalhavam sob a direcção dum feitor portuguez, de uma crueldade aterrorizadora. Cabral era o seu nome, e quando um escravo o pronunciava, era com uma sensação de odio ao mesmo tempo que de receio.

Esse typo aventureiro apaixonou-se por uma das mais formosas escravas da fazenda Zulmira, era de facto, encantadora: tinha 18 annos apenas, a pélle de um moreno côr de jambo, olhos negros, cabellos sedosos, que ella artisticamente dividia em duas magnificas tranças. A rapariguinha, porém, nunca deu attenção ás investidas de individuo tão destituido de escrupulos.

Certa vez, apanhando-a distrahida entregue ao seu trabalho, tentou beijál-a; a moça repelliu-o, fugindo horrorizada. Logo que uma trégua no trabalho lhe deu ensejo, foi ao Sebastião, a quem, si não amava, dedicava pelo menos uma grande amizade. A elle nada occultava. Era o seu confidente. Contou-lhe toda a historia da perseguição de Cabral, não omittindo a scena indecorosa que acabava de repellir.

Sebastião que, apesar de escravo, tinha mais noção de honra do que muitos homens livres, não hesitou em pedir satisfações ao indigno feitor:

— A primeira vez que a Zulmira vier se queixar a mim de que a offendeste, eu te matarei, portguez infame!

— Cala a bocca, moleque! Não repitas o que acabas de dizer, si não queres que te corte o couro a chicote.

— Bandido, poderás matar-me no tronco, mas com esta ficarás!

E, juntando o gesto á palavra, estalou a mão na cara do feitor.

Cabral, louco de raiva, chamou dois dos seus assalariados e mandou que levassem o infeliz captivo ao tronco, onde elle recebeu as 30 chibatadas da praxe.

— Agora ficarás a pão e agua oito dias, moleque intromettido! Ainda não me conhecias, hein, patife?

Vendo que por bem nada conseguia, e que, á proporção que os dias iam passando, Zulmira se afastava cada vez mais delle, Cabral decidiu-se a conquistál-a, nem que para isso fosse necessario empregar violencia. Foi ao patrão e expoz-lhe os desejos:

— Patrão, vim pedir-lhe um favorzito.

— E' dinheiro que queres, não é, seu maganão?

— Não, patrão; é outra coisa. Estou apaixonado por uma de suas escravas; aquella mulatinha filha do velho Domingos. Coitado do Domingos! Era um escravo tão fiel!

— Já sei: é a Zulmira.

— Justamente, a Zulmira; o patrão dá licença que me case com ella?

— Então, o meu Cabral quer constituir familia!

— Antes tarde do que nunca, patrão, mormente com uma menina catita como a Zulmira.

— Está muito bem. Podem casar-se quando quizerem; hoje mesmo dar-lhe-ei carta de alforria. Ficará livre.

— Muito obrigado, patrão; vou já communical-lhe o seu consentimento.

— Não. Diga aquella marota que venha cá! Eu mesmo quero dar-lhe a bôa nova.

— Patrão não diga nada a ninguem. Quero fazer uma surpreza a esses moleques que andam cobiçando-a.

— Anastacia!

— Prompto Sinhô, a sua benção.

— Vá ao cafezal, e diga

O que eu quero de ti...

O que eu quero de ti não é tua belleza,
nem teu corpo manso
de inflexões tão puras;

nem são tuas canduras de mulher cultuada,
nem tua tristeza de desilludida...

O que eu quero de ti não é tua piedade
pelos que padecem,
nem teu espirito ironizando a vida de quem goza:

não é tua piedade nem tua ironia...

Não é tua modestia
nem tua vaidade,
nem tua riqueza...

O que eu quero de ti não é esse olhar descrente,
nem essa bocca fresca, contrahida
num rictus de desdém e de sarcasmo
pelos fastos que a Vida lhe negou:

não é tua descrença nem tua agonia...

O que eu quero de ti,
resuscitado,

é o nosso Amor!

Antenor Nascimento Filho

De Paulo Valladares

ao Manuel que desejo falar com a Zulmira.

— E' p'ra já sinhô.

E a creoulinha partiu como uma flexa.

— Seu Manduca, Sinhô qué falá com a Zulmira.

— Está bem; vou mandar chamal-a. Oh Anselmo, vá ao terreiro e diga á Zulmira que o Senhor a chama.

— Seu Manduca, que Quererá Sinhô com a Zulmira?

— Cumpra as ordens e deixe-se de perguntas tolas. Anda, moleque!

— Vou correndo.

Naquella hora, a faina era intensa: os homens, no cafezal, colhiam o café emquanto as mulheres, no terreiro, se entretinham ao labor de separar e fazer seccar ao sol os grãos colhidos na vespera. Sentadas no chão, dividiam-se em grupos que conversavam baixinho. Quando o Anselmo veiu chamar a Zulmira, o borborinho augmentou, pois as escravas sentiram que qualquer coisa de anormal iria acontecer. Uma interrogação pairava no espirito de todas. Que seria? O Senhor fazer uma escrava abandonar o trabalho para ir falar-lhe, era porque o caso devia ser muito grave.

— A coitada vae ser castigada por ter repellido os galanteios do Cabral — disse uma das captivas.

— Aquelle infame um dia pagará pelas suas crueldades! — murmurou outra.

— O senhor mandou chamal-a para explorar sua belleza. Lembram-se da Cacilda? Era linda e hoje causa dó. E' um verdadeiro trapo. Acaba os seus dias no catre immundo da senzala.

— Coitadinha da Zulmira! Como é ingrata a nossa vida de escravas!

E uma lagrima rolou nas suas faces morenas.

Zulmira recebeu a ordem com o maior espanto, porque não podia comprehender-lhe a significação. Obedeceu immediatamente, mas no seu espirito pairava a mesma duvida das suas companheiras. Chegando á casa da fazenda, encontrou o senhor na varanda:

— Sua benção, Senhor!

— Deus te abençõe. Estão, sua sonsinha, com essa idade e já namorando, heim!? Já sei de tudo. O Cabral acaba de contar-me.

— Que foi que o Cabral contou ao Senhor? — perguntou a Zulmira, espantada.

— Ora, não se faça de tola! Eu consenti, minha bobinha. O casamento será domingo.

— Cada vez entendo menos, meu Senhor. Que historia é essa de casamento?

— Ora, ainda perguntas? Teu casamento com o Cabral! Não te sentes satisfeita? Ficarás livre.

Um raio que tivesse cahido na cabeça da infeliz não faria o mesmo effeito daquellas palavras ditas assim de chofre. Cambaleou e cahiu ali mesmo desmaiada.

— Cabral! Cabral! Tua noiva desmaiou de alegria!

— Zulmira, será possivel que seja verdade?

Foi transportada para a senzala. A' noite, seu estado se aggravou e no dia seguinte, não resistindo aos padecimentos provenientes de tamanho choque, entregou a alma ao Creador, que, apiedando-se de sua situação, não permittiu que se commettesse tamanha monstruosidade.

Dias depois, numa estrada perto da fazenda, foi encontrado, irreconhecivel, o corpo de um individuo de côr branca, aparentando 45 annos. Emquanto era averiguada a sua identidade, na delegacia da villa proxima, um outro, que disse ser escravo da fazenda do coronel Barbosa, se apresentava ali, para se entregar preso, como autor do assassinato que se perpetrára naquelle dia.

Na tarde morrente . .

Quando as tardes eram quasi findas,
alguem,
bem distante,
tocava sempre ao piano soluçante
musicas tão lindas,
que me faziam soluçar tambem.

Esse alguem, que tocava somente
nessas horas de amargór,
parecia esconder, com a tarde morrente,
uma dôr, uma grande dôr...

Num dia, porém,
em que o sol já se tinha escondido
e que eu esperava as notas daquelle piano,
como um beijo promettido,
não as escutei.
Sentido, como si me faltasse um pouco da vida
entre soluços, esperei.
A noite veiu de manso, atemorizante,
a primeira estrella brilhou
e esse alguem não tocou...

Eu, que parecia comprehender, sentir,
aquelle instrumento
que vibrava como um coração humano,
tenho, hoje a alma dessa tarde morrente
e no peito a voz desse piano
que me faz ter a illusão que inda não tive...

J. M. BRINCKMANN

A vida não começa de novo...

DESDE muito pequena, ao vêl-o todos os dias quando sahiam da escola, se acostumou a olhál-o com estranha complacencia achando-o muito bom rapaz. Quando, já menina e moça, começou a sentir as primeiras perturbações da adolescencia, ao vêl-o passar, levantava temerosa os stores da varanda e, com o pensamento, lhe enviava um beijo que se diluia no espaço, sem chegar até elle. E a adolescente foi crescendo com esse pensamento. Aquelle desconhecido a quem vira passar toda tarde, desde sua infancia provinciana, foi o eleito de seu coração, a vibração de seu sonho virginal. Elle nunca percebeu isso. Commette um crime a mulher que occulta seu pensamento nesse sentido. Só lhe resta a esperança de ser adivinhada.

E elle não o foi. Elle partiu, permanecendo ausente muitos annos, e, afinal, voltou. Mas então se apoiava em seu braço uma mulher encantadora de formosura, de graça e de elegancia. Estava casado.

No passeio onde a provincianazinha costumava ir sentar-se todas as tardes com um livro na mão, viu ella, um dia, dois meninos muito pequenos que estavam brincando em redor de seu banco, sob a guarda de uma criada normanda.

E como gosta tanto das crianças, perguntou á ama:

— De quem são essas lindas crianças?

E a resposta fez com que ella inclinasse sobre o livro o fino perfil de seu rosto.

Eram *delle*.

No dia seguinte voltaram os meninos. Chamou-os.

— Vocês não têm mêdo de mim, não é verdade?... Venham, sentem-se aqui, em meu côllo.

Sentou-os cada um em um joelho e os contemplava extasiada deante da candura de seus rostinhos frescos, presa de profunda emoção. Elles não oppunham a menor resistencia, deixando-se acariciar com essa familiaridade espontanea dos meninos.

— Como se chamam?

Um delles respondeu:

— Pedro.

A provinciana estremeceu... Seu nome...

Aquelle menino foi o que recebeu o primeiro beijo.

Desde aquella tarde, a joven foi sentar-se no mesmo logar.

Os meninos, ao vêl-a, corriam a beijál-a. Aquellas caricias, aquelles labios, aquelles bracinhos que apertavam suavemente seu pescoço a enchiam de um prazer estranho.

Tornaram-se bons amigos. Os meninos, com sua conversa balbuciante e caprichosa, contavam-lhe toda sorte de intimidades de sua casa, mil ingenuidades que quasi a faziam amál-os e a animavam a ir todos os dias ao jardim. Ella lhes levava chocolates, bombons e outras guloseimas. E as crianças não perguntavam siquer quem era aquella senhora desconhecida que lhes dava beijos, que tanto os mimava e que não deixava de olhál-os amorosamente, quando elles se afastavam brincando pelos jardins.

As folhas novas engalanavam o parque.

Havia passado um inverno muito frio..., e de novo o jardim se encheu de vestidinhos claros e de risos infantis.

A provincianazinha voltou a sentar-se em seu banco predilecto.

Mas, por que não voltavam seus amiguinhos? Eram elles os meninos que faltavam.

Sentiu-se dominada por angustioso temor.

E diariamente ia á praça esperál-os inutilmente.

— Que alegria! São elles!

Sim, eram elles. Mas suas carinhas estavam como que entristecidas e seus corpos já não ostentavam as capinhas azúes, mas vestidinhos negros.

Passeavam muito sérios, como que impressionados, pelos ambiente de silencio e recolhimento da casa, entristecida de repente, com as cortinas corridas sempre, com as refeições transcorridas sem uma palavra e com uns anoiteceres em que a mamãe lhes não ia dar um beijo ao deitál-os.

A joven foi levantar-se para correr até elles; mas viu que o pae os acompanhava. Elle! E elle estava tambem de rigoroso luto.

Logo a mulher a quem elle amou, a mulher que se apoiava em seu braço, tão graciosa e tão alegre... havia morrido?

Os meninos a viram de longe. Mas não correram a beijál-a, como antes. A presença do pae, os trajes negros os tornavam timidos, os immobilizavam com uma castidade e uma modestia inconscientes. Limitaram-se a apontál-a com o dedo, mostrando a seu pae a mamãe do jardim. O pae a olhou com insistencia e cumprimentou sem se aproximar.

E quando haviam passado, a provinciana ficou sentada em seu banco, como que esmagada, com o coração uma fria angustia no coração...

Sentiu-se dominada por uma sensação de abandono, de brusca soledade, que a mergulhava em triste lassidão.

Sentiu tambem ciume da morta, daquella mulher que levou todos os beijos de seus filhos, provavelmente todos os que ella lhes havia dado para elle, toda a essencia de seu ser... Mas, ao adivinhar o drama intimo, só havia pensado na dor daquella mãe olhando seus filhos pela ultima vez. Sua sympathia de mulher sentimental e bôa a conduzira para aquella outra mulher tambem carinhosa e bôa, morta em plena juventude, em plena formosura e em plena felicidade.

Mas, depois, toda aquella sensação desappareceu. Só pensou na rival que lhe havia roubado o homem a quem amava, e á qual pertenceram os meninos que desejaria que fossem seus, na outra, na mulher odiada..., e sua vontade de ser bôa ficou impotente deante daquella impressão má que perturbava sua serenidade de espirito.

Pouco a pouco, nos dias seguintes foram os meninos se aproximando della.

Foi como si começasse de novo. A principio, as cortezias dos primeiros dias. Depois, a confiança familiar, e, por fim, a alegria da amizade illimitada.

Dir-se-ia que o drama, não de todo comprehendido, fixado superficialmente em seus cérebros de crianças pelos detalhes exteriores, havia impressionado de tal modo suas frageis existencias, que parecia que, de repente, suas almas se gelaram no intenso frio do lar e que, dessa fórma, necessitassem renascer em nova explosão suas intelligencias e seus corações.

A criada já não os acompanhava nunca. Sempre ia seu pae com elles. Nos primeiros dias, ia elle sentar-se noutro banco, e se contentava em sorrir á joven, emquanto ella brincava com seus filhos. Um dia, se aproximou para cumprimental-a. No dia seguinte, pediu permissão para sentar-se no mesmo banco. Falaram de outros tempos, evocaram recordações de amigos communs, de factos occorridos na tranquilla vida provinciana.

Uma tarde, foi só.

Em seu rosto, podia-se notar qualquer coisa como uma firme resolução e a accentuação mais profunda de sua tristeza habitual.

— Senhorita — disse-lhe resolutamente, — peço-lhe perdão pelo que lhe vou dizer. Já sei que não é correcto e que não se amolda aos costumes estabelecidos... Mas você está acima de tudo isso... Meus filhos falaram-me muito da senhorita, chamando-a a *mamã do jardim*... E gostam muito da senhorita...

E, baixando a voz, commovido, ajuntou:

— A senhorita já sabe que elles não têm mãe... Quer occupar o logar da que desappareceu?

E, assim falando, lhe extendeu a mão.

A joven fechou os olhos, como que desmaiada por um prazer estranho que nunca chegou a suspeitar. Permaneceu como que absorta deante daquella immensa alegria que parecia chegar de muito longe.

Estreitou a mão do homem a quem sempre quizéra, e lhe disse:

— Obrigada. O senhor é muito bom... Honra-me o que acaba de propôr-me.

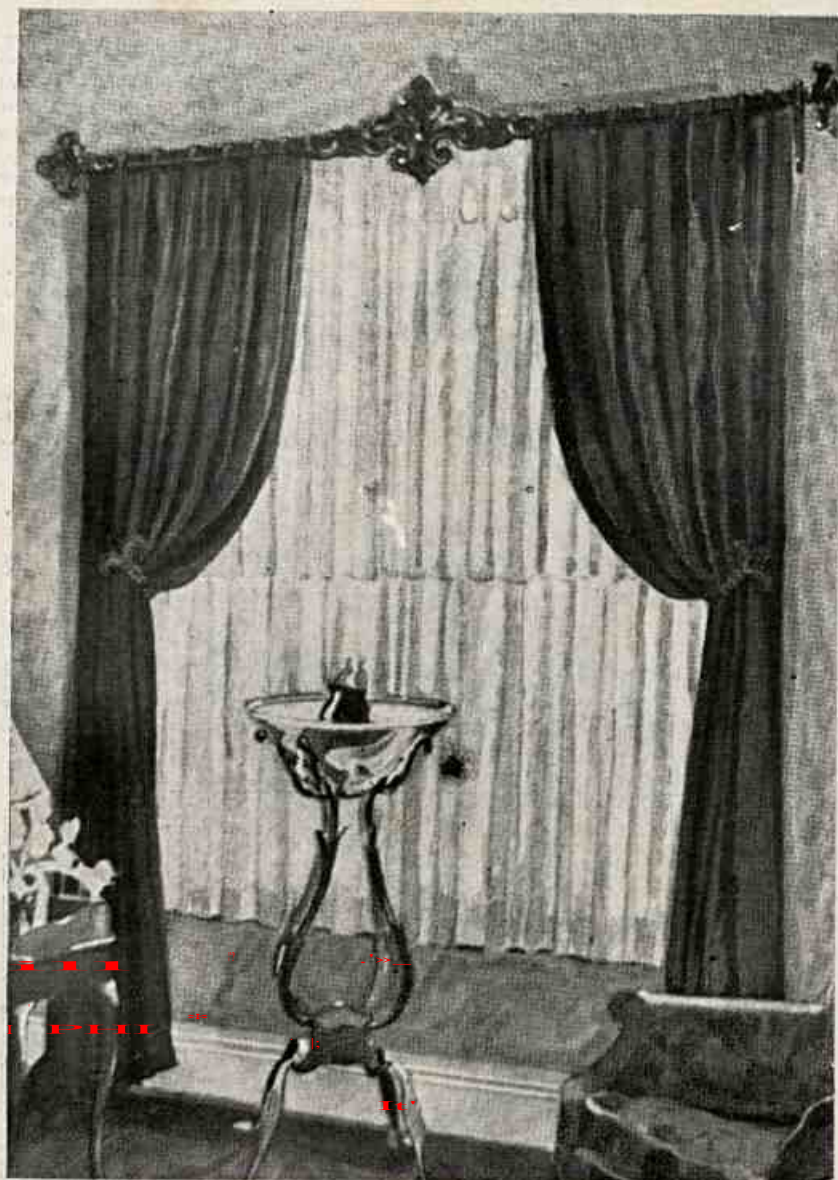
Cerrou novamente os olhos.

— Mas, si quizer, continuarei sendo apenas sua amiga. E para esses meninos tão queridos continuarei sendo a *mamã do jardim*... Mais vale que assim seja, creia-me.

Viu que nunca podia encher a lacuna que a outra deixára na casa e no coração do viuvo, que só seria alguma coisa assim como uma ama dos meninos.

Comprehendeu que não é possivel voltar atraz e achar intacto o passado. A vida não começa de novo...

Começava a cahir o sol, e a joven provinciana se afastou do parque em silencio, com a cabeça baixa, como uma viuva que acabasse de perder o esposo.

J. Marquine

Tapetes

Cortinas

Linoleuns

Madras

Reps

Cretones

Estofos
e
Decorações internas

Variado sortimento de tecidos tintos com corantes "Indanthren"

Casa Monteiro

Matriz:
QUITANDA, 29
4-2459

Filial:
7 SET.º, 58
4 - 0382

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 43

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1932

O homem — conjuncto de ingratidões?

MME. Defaut escreveu, sem a menor cerimonia: "Quereis que vos diga, lisa e lhanamente, o que é o homem? Um conjuncto de ingratidões"...

Não duvido, illustre Mme Defaut. Estou mesmo de accordo com seu juizo temerario. O homem tornou-se ingrato, desde o Paraiso.

Veja-se que Jeovah lhe deu tudo na vida — em tróca, simplesmente, do seu bom comportamento, entre as flores e as arvores, as aguas e os animaes do Eden Terrestre.

Mas, que fez elle, no fim de contas? Foi ingrato. Não correspondeu á bondade, á infinita clemencia do Senhor. E o resultado é o que se lê, no Velho Testamento: — depois de alguns dias tranquillos e felizes, naquelle doce recanto de veraneio acabou, como mau inquilino, sendo expulso, para as agruras do mundo, pela espada de fogo do anjo S. Gabriel...

Sim. Mas, Mme. Defaut é ingenua, ou se faz de tal.

Não vê que, logo ahi, foi a bella Eva a causadora de tudo?

Si Adão peccou, e mostrou-se revoltantemente ingrato, aos olhos do Creador, é bem claro que foi a isso induzido pela sua perversa companheira.

Quem não conhece a velha historia da maçã e da serpente, que, afinal, sempre foi menos má do que a nossa mãe commum?

Não, Mme. Defaut. Não é só o homem que é "um conjuncto de ingratidões revoltantes..." Ha, mesmo, certas circumstancias na vida em que a mulher é mais ingrata e cruel do que nós outros, representantes do sexo que veste calças de casemira... (*Honni soit qui mal y pense*...)

Por meu turno, quero accentuar o seguinte: conheço um genero de senhoras em quem a ingratidão é o traço que melhor as caracteriza. São as ineffaveis literatas, as artistas, as mulheres que tudo sugam á nossa penna, á nossa bôa vontade, para, no fim, se limitarem a nos voltar as costas, com o mais frio sorriso de indifferença. Não raro ainda nos depreciam...

E' alarmante. E' contristador. Mas é verdade, meus senhores!

Dir-se-á que, depois de guindadas ao apogeu, um odio surdo, um despeito arrependido e implacavel, contra aquelle que se mostrou superior ao seu espirito — subitamente desperta no seu coração injusto e feroz. Absurdas e paradoxaes, as mulheres!

Um escriptor argentino, creio eu, fez notar que "la mayor parte de las veces, la felicidad de los hombres se debe a la falta de sinceridad de las mujeres". Accrescento, por minha conta: e á ingratidão, tambem...

Eu me explico. A nossa felicidade, no caso, consiste em podermos reconhecer que, ao menos nisso, somos superiores a ellas. Tornamol-as grandes para que se nos revelem pequenas...

Bastos Pereira

Rendas de espuma

Sob o luar

IAMOS rolando os passos pela avenida Beira-Mar, sob a vigilia branca do luar. De um lado, a cidade bulhenta, com os seus autos velozes e as suas figuras apressadas; do outro, a alma inquieta do mar.

Marcos accendeu um cigarro. Passou-me a carteira de prata.

— Não fumo — declarei.

— Não fumas? E' porque não amas.

Sorri para a psychologia de Marcos. Elle ajuntou:

— O cigarro ajuda-nos a soffrer.

— Quando o amor é soffrimento... — opinei. — Quando é um motivo de permanente alegria — não!

O meu amigo teve um gesto largo de escandalo.

— O amor? Fonte de permanente alegria? E' idiota!

E, com desalento:

— Isso é um pensamento absurdo.

E, assim, rolando os passos, pela calçada erma, ouvindo o mar e a rua, e rasgando a nevoa "gris-perle" do luar, eu e Marcos fomos devaneando. O amor! Sempre o amor. Ainda o amor.

Marcos acabára de contar-me os seus ultimos insuccessos sentimentaes, e eu, para não deixar a sua narrativa morrer sem uma phrase, tive esta:

— O amor é como o luar: nasce, illumina-nos a vida e morre sem que nada possamos fazer contra elle. Apenas, o luar se renova... Ao passo que o amor...

— Póde voltar, sim. "On revient toujours..." — observou Marcos, sorrindo com amargura.

— Sim. Mas, como o luar, elle não encontra nunca o mesmo azul doce e limpido, onde estender as suas azas de luz...

O meu companheiro jogou longe a ponta do cigarro. Disse com lentidão e volupia:

— O meu coração é hoje uma gaiola vazia. O amor era, para elle, como "l'oiseau bleu" de Maeterlink. Encarnava a minha felicidade...

Para responder a essa tirada lyrica, pensei que seria bom fazer uma "blague". Respeitei, entretanto, o estado de alma do meu pobre Marcos. Completei-lhe o pensamento poetico, deste modo:

— Triste não é a gaiola ficar vazia, quando o amor bate as azas de luz... A's vezes, dá-se o caso della ficar cheia de gritos. Gritos de odio, de ciume, de desespero e vingança, que se premedita: O mais triste é quando ella fica vazia e calada. O silencio é só o que apavora e decepciona. Elle é a prova de que tudo acabou. Sendo a vida imponderavel da saudade, é a imagem viva da morte, — que é uma fórma abstracta do Nada — dentro de um coração — o que é tudo, em amor...

— Muito complicada, meu caro, a tua definição.

Desconversei para tentar outra phrase menos ôca. Disse, detendo-me á porta do hotel:

— Para encher o vazio de um coração sem amor, só ha a essencia pura e subjectiva de uma alma... Põe dentro della a alma de uma mulher...

Marcos riu com estrepito e ironia:

— A alma de uma mulher? Mas, a mulher não tem alma. Idiota!

— Nesse caso, põe a mulher, mesmo sem a alma. Põe a mulher vazia... Com um vazio encherás outro vacuo...

Marcos julgou que eu tinha enlouquecido. Porque?

YVES

Margarida Lopes de Almeida, que vem de levar por longes terras o nome do Brasil, volta para o seio da nossa admiração, e dará, por estes dias, um recital de poesia. O grande poeta Jean Rameau disse, em «Excelsior», o seguinte, da arte da nossa illustre patricia: «Margarida Lopes de Almeida est la plus émouvante diseuse de vers que je connaisse. Ceux qui ont eu le bonheur de l'entendre une fois ne l'oublieront jámais. Elle ne dit pas seulement les vers: elle les peint, les sculpte, les anime avec ses intonations, ses gestes, ses larmês, car elle pleure nos vers quand ils sont dignes d'être pleurés; elle les chante ou les sourit quand ils méritent d'enthousiasmer ou simplement de distraire. C'est l'interpréte idéale des poêtas. Elle fait rendre á la lyre, puissante ou chétive, des vibrations qu'eux — mêmes ne soupçonnaient pas. Ce n'est pas seulement une belle mécanique parlante, par qui les oreilles son caressées quelques minutes, c'est une force de la nature, par laquelle les coeurs sont pris et pour toujours.»

A MULHER CHIC

...AÇÕES JEAN PATOU

Crêpe de Chine imprimé noir, vert, rouge sur fond blanc.

(Photographia especial para o FON - FON).

Caverna de Ali Babá

O dr. Waldemar Falcão é uma das mais destacadas expressões da intellectualidade moça do Ceará. Cathedratico de Economia Politica da Faculdade de Direito e professor do Collegio Militar daquelle Estado, o distincto patricio é, hoje, uma das nossas autoridades em assumptos financeiros, ordem de estudos a que vem dedicando os recursos da sua culta mentalidade. Autor de varios trabalhos sobre o assumpto, como «Politica tributaria» e «O empirismo monetario no Brasil», Waldemar Falcão acaba de publicar uma nova obra — «O paradoxal mercantilismo brasileiro» — volume interessantissimo, acolhido pela critica e pelos estudiosos das nossas coisas financeiras com as melhores referencias.

ANECDOTAS HISTORICAS

Luiz Napoleão, quando presidente da Republica Franceza, encontrando numa inauguração de caminho de ferro o jornalista Calixte Souplet, que fortemente atacára sua candidatura, foi a elle e disse-lhe, cumprimentando-o:

— Embora vos encontre em campo opposto ao meu, sinto grande prazer em apertar-lhe a mão e em testemunhar-lhe a alta estima em que sempre tive vosso talento e vosso caracter.

O mesmo Luiz Napoleão, quando imperador, condecorava o cançonetista Gustavo Nadaud, apesar das copIas em que este procurava ridicularizal-o.

E' bom rememorar taes exemplos numa época em que os dictadores de fancaria tiram as mais cruas vinganças pela menor divergencia de idéas, arrancando até o proprio pão daquelles que não lhes queimam incenso.

* * *

Conta-se que, na vespera da morte de Talleyrand, o rei foi visital-o. Ao pé do leito do moribundo, Luiz Felippe lhe perguntou:

— Principe, como está passando?

E elle:

— Soffro como um damnado!

— O soberano sorriu e murmurou:

— Já?

Como o principe de Benevente, muito politiqueiro traidor, comediante e gasto, deve soffrer, com effeito, como um condemnado ao inferno, mesmo antes de lá chegar. Porque é necessario que haja um inferno qualquer para certas almas feitas de lama...

O dr. José Pereira dos Santos, clinico dos mais acatados no bairro da Tijuca, onde ha longos annos exerce a sua profissão, recebeu, no dia 6 do corrente, data de seu natalicio, expressiva manifestação de apreço promovida pelos seus amigos e pelos innumeros admiradores das nobres qualidades de coração e intelligencia desse humanitario medico.

OS FACTOS SOCIAES

Os acontecimentos sociaes são de tal modo entremeados uns aos outros e têm taes consequencias que se podem comparar aos circulos produzidos nagua pela pedra do garoto ou pela folha morta que cáe. As ondulações resultantes do choque prolongam-se longe na superficie liquida, embatem de encontro umas as outras, confundem-se e dançam sob a luz do dia.

Emilio Ollivier sentiu bem isso quando disse que o drama representado pela França e pela Prussia em 1870 seria tão somente o preludio de conjuncturas não menos graves, pelas quaes a forma e a fortuna dos imperios se veriam ainda uma vez mudadas. A grande guerra encarregou-se de provar isso e a agitação que causou na vida da humanidade longe ainda está de se ter aquietado.

SÉSAMO

Acaba de concluir o curso de odontologia o nosso joven patricio Chakib Jabôr, cujos predicados intellectuaes e moraes fôram sobejamente comprovados no seu excellente tirocinio escolar. O novel diplomado, que é filho do competente cirurgião-dentista dr. Alfredo Jabôr e de sua distincta senhora d. Lucilia Jabôr, tem recebido muitos cumprimentos pelo termino do seu brilhante curso e inicio de sua vida profissional.

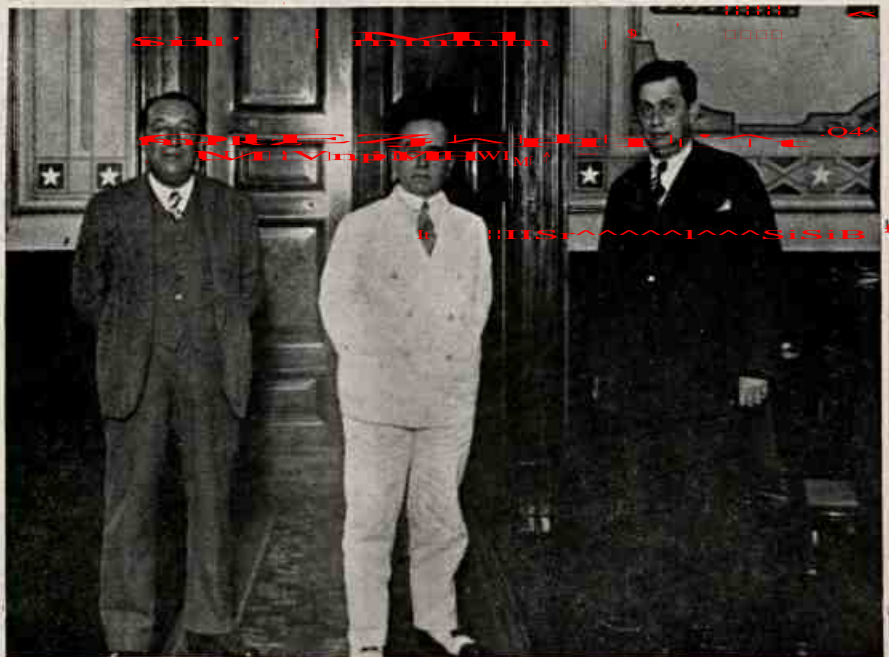
A Federação das Associações Portuguezas do Brasil promoveu, sabbado á noite, no salão do Gabinete Portuguez de Leitura, expressiva homenagem ao embaixador Martinho Nobre de Mello, que fez entrega á directoria da mesma Federação das insígnias da Grã-Cruz da Ordem de Christo com que a condecorou, recentemente, o governo de Lisboa. Após essa solennidade, realizou-se o grande banquete em honra do diplomata portuguez, que se vê no nosso «cliché» cercado das figuras mais representativas da colonia e de autoridades brasileiras.

MALES antigos

O mais antigo papyro conhecido é um que se acha felizmente em perfeito estado e data da época do pharaó Useikaf.

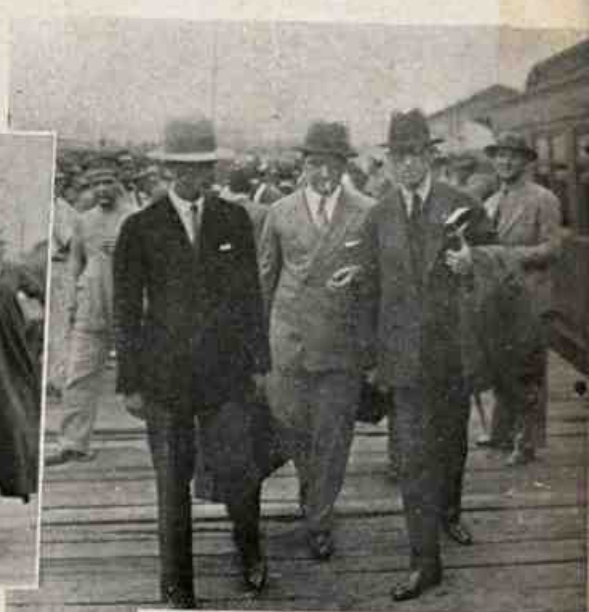
O desconhecido autor do que está escripto nesse vetusto documento exprime nelle em estylo conciso e claro os males que acabrunharam o Egypto em tão remotas eras: o thesouro real exhausto, os impostos esmagadores que não eram pagos, a carestia da vida augmentando dia a dia e os pobres sem ter o que comer nem onde dormir.

Calcula-se que o papyro deve ter uns quatro mil annos.

Isso mostra que os males de que hoje nos queixamos são tão velhos como o mundo, que as crises datam atlvez do dilúvio e que talvez isso nos sirva um pouco de consolo...

O chefe do governo provisorio ladeado pelos generaes Góes Monteiro e Waldomiro Lima, durante a visita que esses chefes militares fizeram, ha dias, a s. ex., no palacio do Cattete.

Varias figuras de representação, e com responsabilidades definidas no scenario da actividade politica e jornalistica de São Paulo, têem chegado a esta capital afim de serem ouvidas pelas autoridades competentes. Nos ultimos trens da Central do Brasil, procedentes daquelle grande Estado, desembarcaram na estação Pedro II, entre muitos outros, os srs. Altino Arantes, Padua Salles, Atalliba Leonel, Prudente de Moraes Netto, Sylvio de Campos, Aureliano Leite, Cyrillo Junior, Piza Sobrinho, Horacio Rodrigues e Cicero de Azevedo; o poeta e academico Guilherme de Almeida; os nossos collegas de imprensa Plinio Barreto, Julio de Mesquita Filho, Gaspar Libero, Eurico Martins, Oswaldo Chateaubriand, Austregesilo de Athayde, Cassiano Ricardo, etc. Focalizamos nesta e na pagina seguinte varios aspectos colhidos por occasião da chegada a esta capital desses destacados vultos da vida politica e jornalistica de S. Paulo.

CONTRASTES

Eu ia para a cidade no meu omnibus de mil e duzentos, rumo ao trabalho que me dá o pão. Elle ia numa barata de luxo, as mãos enluvadas, fumando um cigarro perfumado. Desde os quinze annos devo ao meu esforço o magro dinheiro com que vivo. Elle nasceu rico e vive na abundancia, sem fazer nada. Olha para tudo com um olhar vasio, de tedio. Eu tambem olho com um olhar vago. Mas o meu tedio é filho do meu desencanto dos homens e o delle nasce do enfastiamento da fortuna. A minha vida é toda, como disse o outro: une longue journée de travail. A delle nada mais do que um longo periodo de férias. Se temos alma, o contraste continuará no Alem?...

Outros instantaneos do desembarque, nesta capital, dos politicos e jornalistas que vieram de S. Paulo na semana passada.

OS FACTOS SOCIAES

Um geologo viennense communicou recentemente aos institutos scientificos do seu paiz que o monte Karavanke, que fica na região meridional da Carinthia, marcando a fronteira entre a Austria e a Yugoslavia, puzera-se em movimento e caminhava tranquillamente rumo do norte.

Esse facto explicava a abertura de grandes precipicios abertos de subito na parte Occidental das montanhas de Klagenfurth. A proposito, alguns jornaes lembraram que outrora os Alpes austriacos mudaram até de direcção.

Taes deslocamentos não são impossiveis.

A NOSSA REPORTAGEM PAULISTA

A detalhada e ampla reportagem photographica dos acontecimentos de São Paulo cuja publicação iniciamos na presente edição de FON-FON continuará no nosso proximo numero.

São aspectos colhidos no fragor da luta e documentam, nas suas visões impressionantes, todas as phases da revolução constitucionalista.

É mais um esforço de FON-FON em beneficio dos seus milhares de leitores do Brasil e do estrangeiro.

No alto: a Casa do Soldado installada na Curia Diocesana de Campinas.

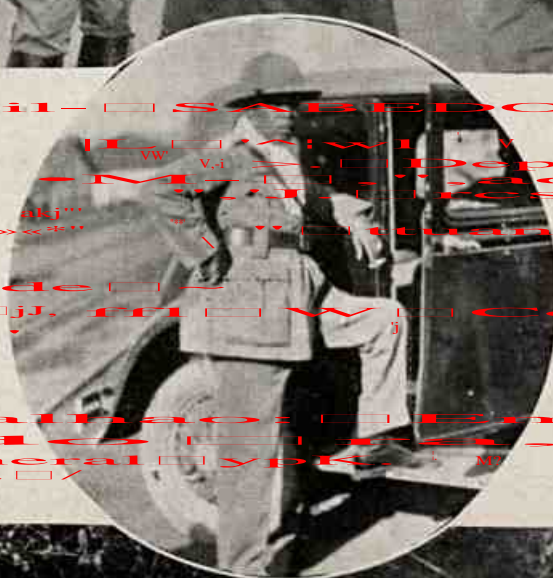
Ao centro: voluntarios daquella grande cidade paulista.

No medalhão: as senhoritas de Pindamonhangaba e a bandeira que offereceram aos voluntarios daquella cidade.

Em cima: o coronel Milton, commandante do sector sul.

SABEDORIA

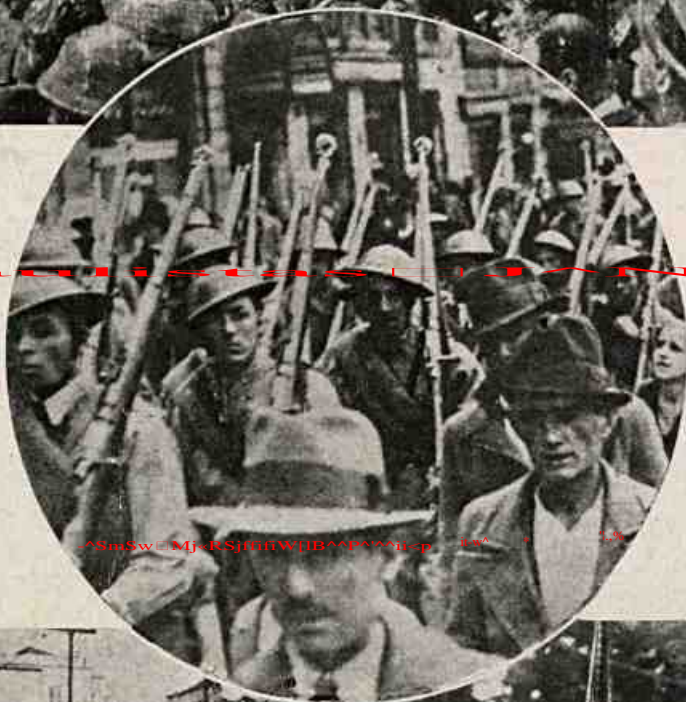
Choça de palha onde se ri, vale mais que um palacio onde se chora.

No medalhão: o coronel Palimercio de Rezende, do estado-maior do general Klinger.

SABEDORIA

Depois das disputas são mais doces os amores, e ama-se melhor quando se ralhou um pouco.

CORNEILLE

Em baixo: o coronel Soiosa, commandante do sector do Tunnel, com seu estado-maior.

Voluntarios paulistas desfilando pelas ruas da Paulicéa, nos primeiros dias do movimento constitucionalista. No alto: os «Capacetes de aço» na praça do Patriarcha.

No medalhão: o Batalhão dos Funccionarios Publicos. Em baixo, a) o Batalhão «Voluntarios de Piratininga»; b) a Cavallaria de Rio Pardo.

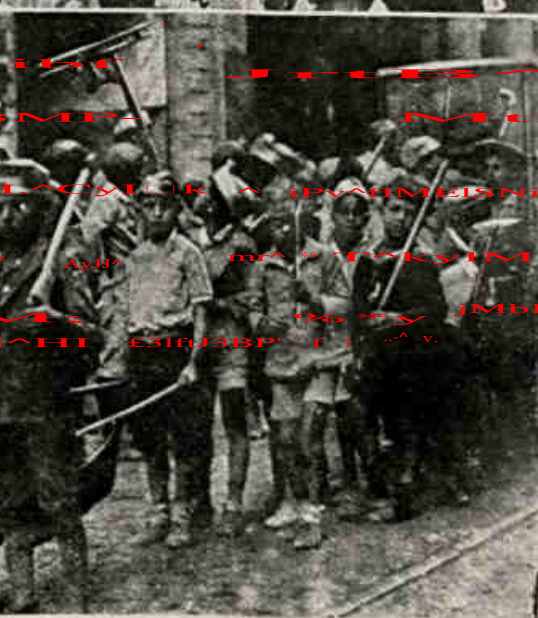
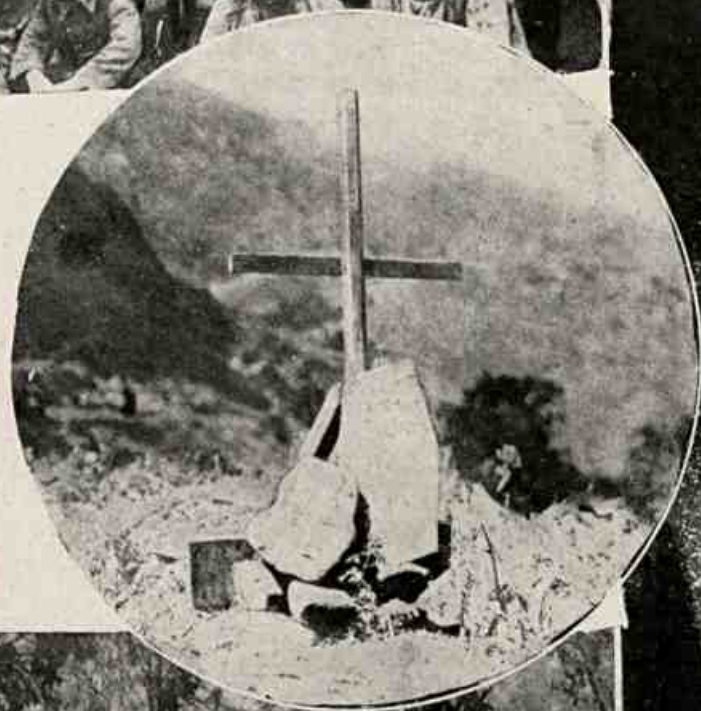
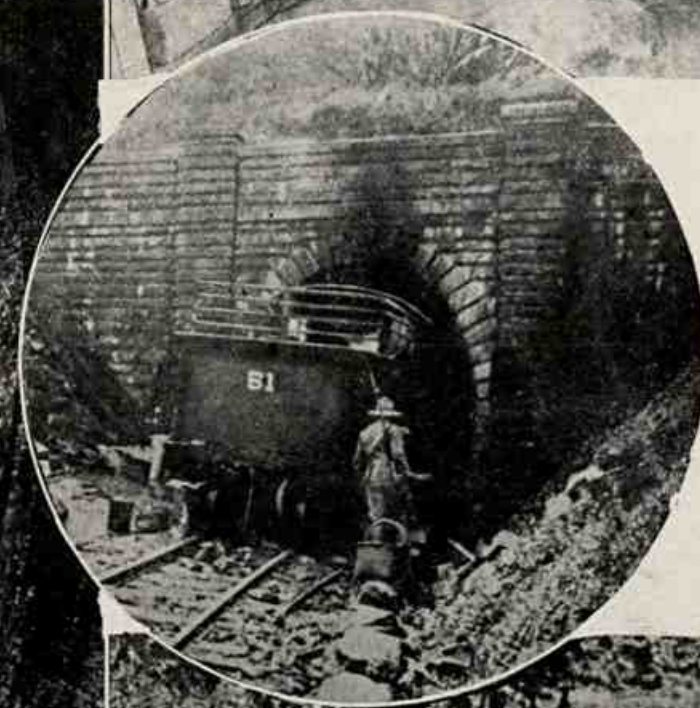
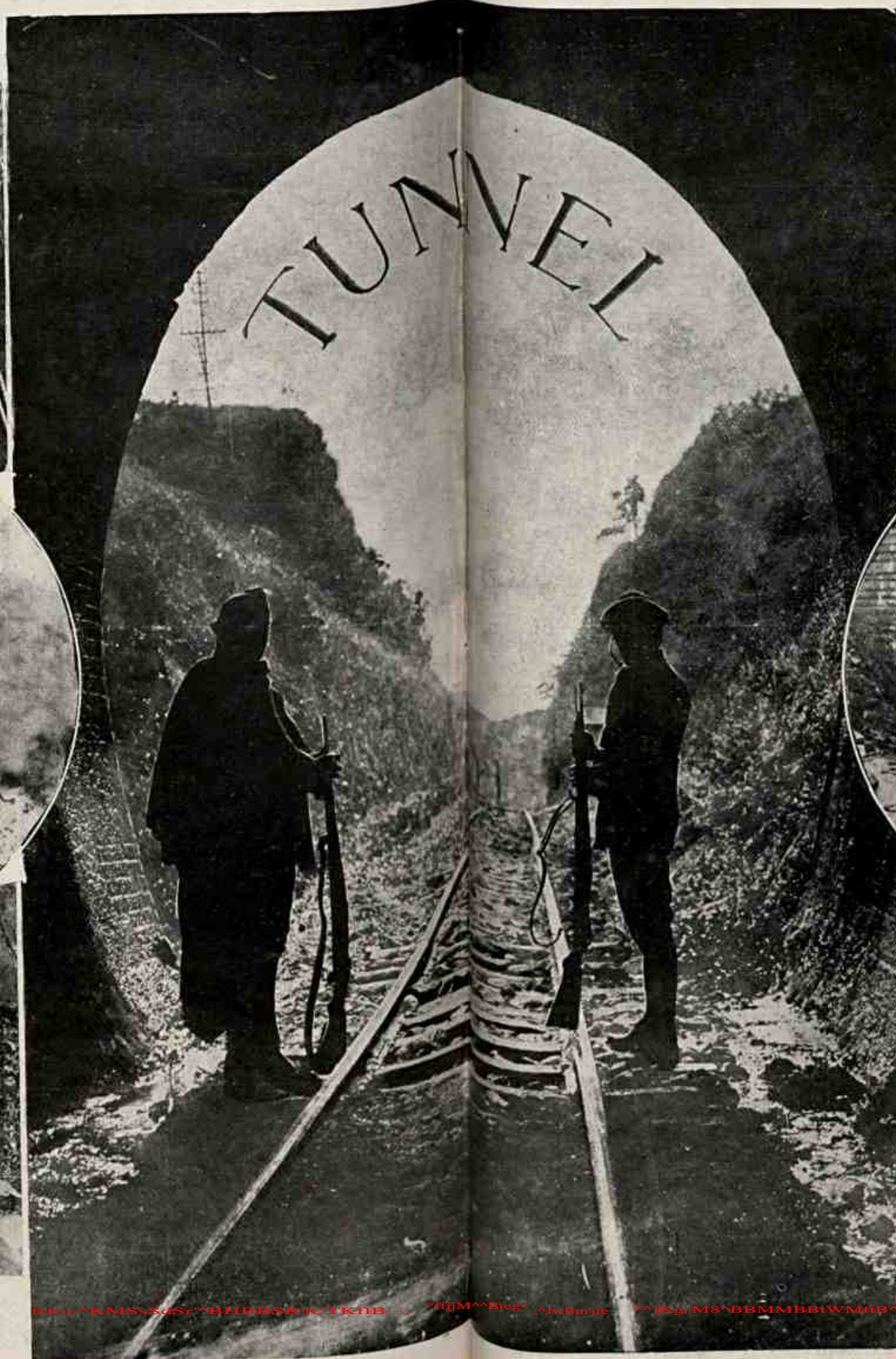
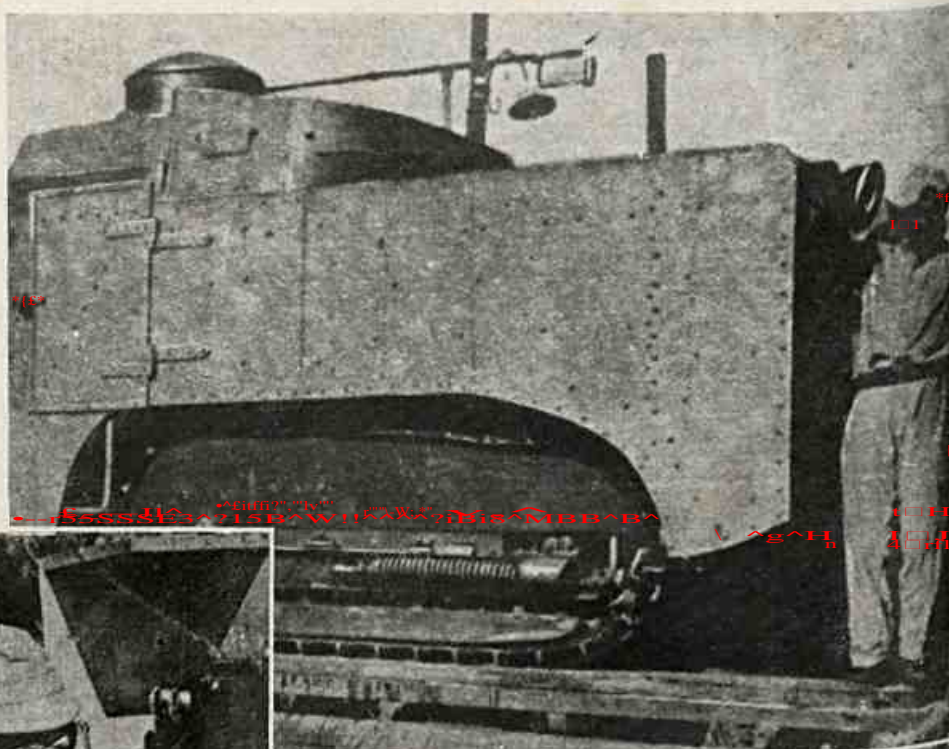
da audacia

Quando não apressa uma decepção, a audácia é meio caminho para se conseguir algum intento.

E' preciso lembrar que, ao termo da jornada, o audacioso ha de encontrar desillusões que não compensam de modo algum o minimo de esforço empregado...

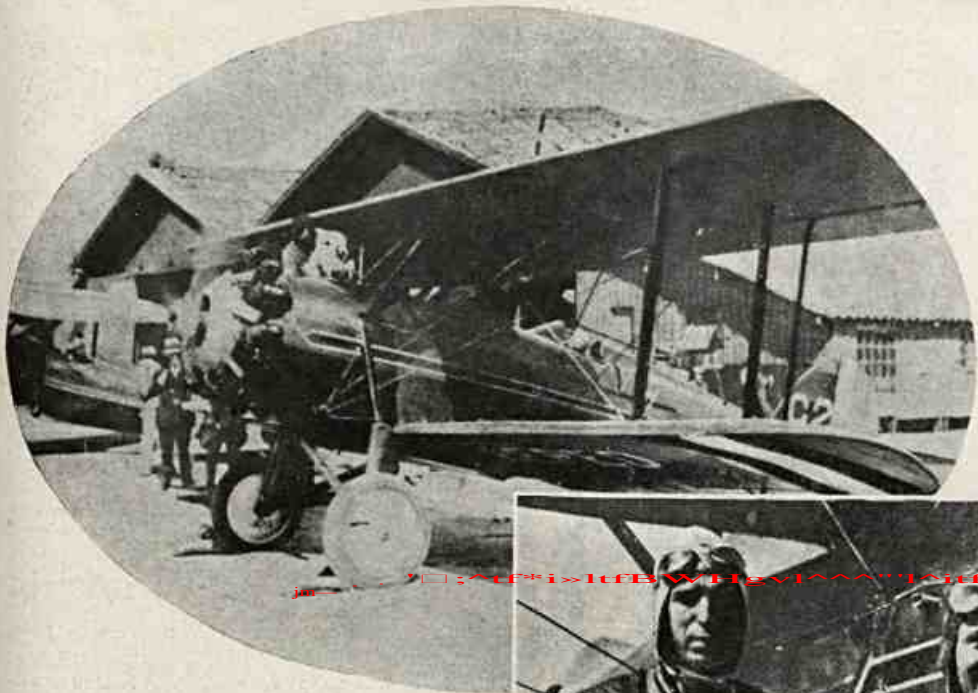
Não ha mérito nas fáceis victorias, as quaes, por sua vez, deixam desconfiados os seus detentores occasionaes.

As melhores conquistas são as que tiveram por alicerce o sacrifício e o trabalho. E' só desse modo, tendo em vista altos pensamentos, a audacia se faz merecedora de louvores.

Triumphar pela audacia, maravilhosamente, é desejar um viver accommodaticio ou opportunista. — Alexandre Passos

Entre os batalhões que se organizaram em São Paulo, logo que alli rebentou o movimento revolucionário de 9 de Julho, figurava um batalhão-mirim, que recebeu o nome: «Si fôr preciso...», e em cuja formação só entraram garotos dos bairros da Paulicéa. O «clichê» desta pagina focaliza tres aspectos do famoso batalhão quando desfilava pelas ruas da grande metropole bandeirante, sob a curiosidade popular. Na primeira photographia se vêem as pequenas enfermeiras do Serviço de Saúde do original batalhão.

Durante a revolução constitucionalista de São Paulo, a imprensa, frequentemente, alludia ao sector do Tunnel, onde se verificaram lances de verdadeiro heroismo, que enalteceram a resistencia e a bravura do soldado brasileiro. Esta pagina focaliza alguns aspectos da lucta naquella região, quando ainda o Tunnel se achava em poder das forças paulistas.

Um dos «tank» que serviram ás forças constitucionalistas.

Um soldado paulista recebendo, na linha de fogo, communicações telephonicas de outro sector.

Ao lado: uma patrulha de reconhecimento, e uma metralhadora anti-aérea.

SABEDORIA

Qual é a mulher que póde vangloriar-se de resistir á emoção dos sentidos e ás instancias do homem que lhe agrada, reunidas á occasião? A mais virtuosa é precisamente, aquella a quem, para cessar de o ser, faltou uma dessas circumstancias. — *Meilhan.*

A aviação das forças constitucionalistas. No alto: um apparelho que distribuiu boletins sobre as cidades mineiras. Ao centro: os aviadores Carlos Mourão de Oliveira e João Baumgardt, que, segundo noticiou a imprensa paulista, voaram sobre o Rio de Janeiro, num «raid» de reconhecimento, e dois outros pilotos paulistas que atiraram jornaes e boletins de S. Paulo sobre Juiz de Fóra e Viçosa. Em baixo: um grupo de aviadores paulistas commissionados, no Campo de Marte.

O general Klinger em visita á «Casa do Soldado» da Associação Christã de Moços.

Ao lado: um observador nas proximidades das linhas de fogo.

Uma trincheira avançada no sector de Cunha.

Uma officina de costura para os soldados na Escola Profissional Mixta de S. Carlos.

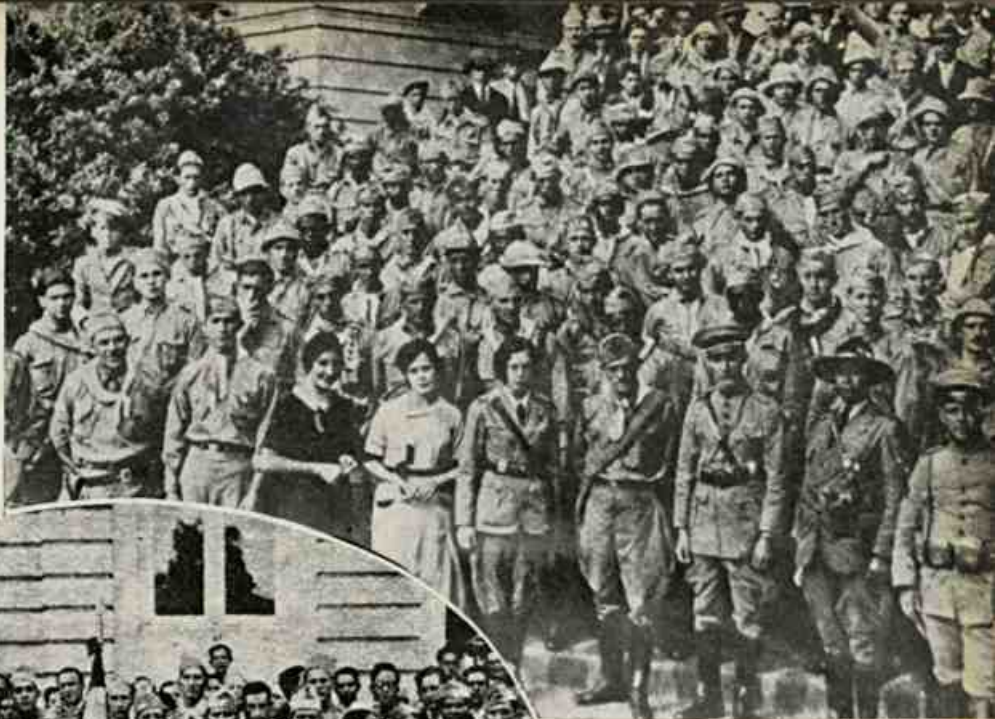
SABEDORIA

Uma mulher está em perigo desde que se vê amada com ardor. De que não é capaz um amante apaixonado para conseguir os seus fins?

FONTENELLE

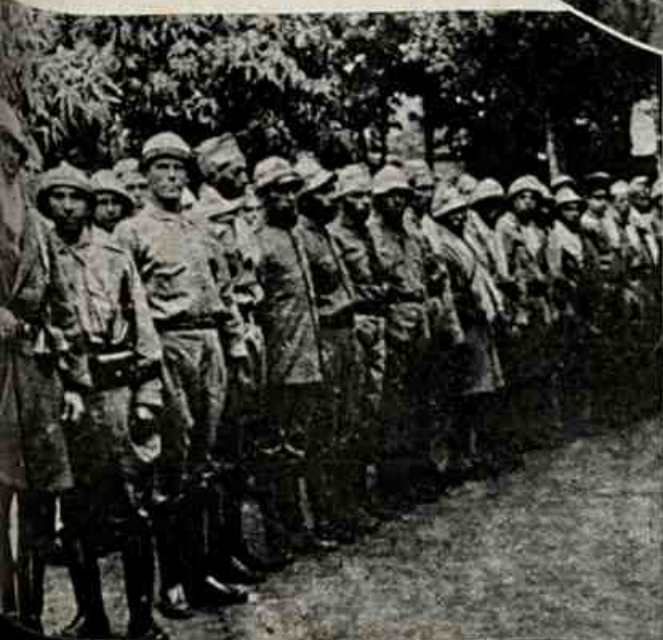
Quando se principia a amar, não se faz outra coisa que principiar a viver.

MLLE. DE SCUDÉRY

Voluntários de S. Carlos.

O batalhão formado pelos voluntários de Brotas.

BATALHÕES PAULISTAS

Batalhão Rio Grande do Norte.

Em baixo: a) Voluntários de Ibitinga; b) Voluntários de Marília.

COVARDIA

"A renuncia no amôr é uma covardia"...

Você renunciou á felicidade do amôr que nos surgiu numa manhã de sol, entre risos metálicos e perfumes estranhos de mulheres alegres.

Você teve medo de enfrentar os obstaculos que vieram interromper cruelmente a marcha do nosso affécto emotivo.

A felicidade no amôr não existe para você. Mas existe. No verdadeiro amôr a gente prova coisas immensamente amargas, porém, a difficuldade é um delicioso incentivo para se amar com mais exaltação!

No sacrificio está a glorificação dos amores impossíveis... Você renunciou á felicidade porque não quiz enfrentar o que parecia impossível, mas não o era porque não tinha chegado o momento da decisão final.

E nos meus ouvidos sôa, ainda, o rythmo doloroso das suas palavras pronunciadas no silencio daquella tarde côr de cinza:

— Vamos acabar...

Vamos, sim. Vamos pôr fim a essa série de contrariedades que foi para você o motivo maior da renuncia e para mim o incentivo saboroso para amál-a com extrema abnegação com que tenho amado.

Eu não esperava que o fim de tudo fosse essa resolução inesperada, embora, percebendo no seu riso temeroso, no seu olhar discréto, no seu gesto de mysterio a finalidade dos amôres fugazes, das illusões fugidias, como esse amôr de incerteza que alimentou o meu coração, como essa illusão tão grande que foi a vida desse mesmo amôr.

Eu esperava, sim, o fim. Mas um fim differente, porque, embora amando-a com intensidade, você não correspondia á veneração que eu lhe devotava.

Eu esperava o fim porque você, ás vezes, navalhava a corda vibrátil do meu coração com o gume da sua indifferença. Esperei e continuei a amal-a.

Você veiu a renunciar... E "a renuncia no amôr é uma covardia"...

EDWALDO CALMON

O campeonato carioca de «football» do corrente anno foi encerrado com os vários jogos que se realizaram domingo passado, e dos quaes sobresahiram, pela sua importancia, os que se feriram nos campos da rua General Severiano e da rua Abilio, respectivamente entre o Botafogo e o Andarahy e o Vasco da Gama e o Flamengo. A nossa pagina focaliza instantâneos empolgantes desses dois encontros que tanto interesse despertaram nos circulos sportivos da cidade.

Depois de ser homenageados pela Associação Brasileira de Imprensa, que para isso realizou uma sessão solemne sob a presidencia do ministro das Relações Exteriores, os jornalistas Lincoln Nery da Fonteca, Severino Barbosa Correia e Octavio Lima, que viajaram no «Graf Zeppelin» como representantes daquella associação de classe, foram recebidos no ultimo sabbado, no palacio do Itamaraty, pelo dr. Afranio de Mello Franco. A photographia de cima focaliza um aspecto da festa na réde da A. B. I.. A outra é um flagrante da recepção no Ministerio das Relações Exteriores.

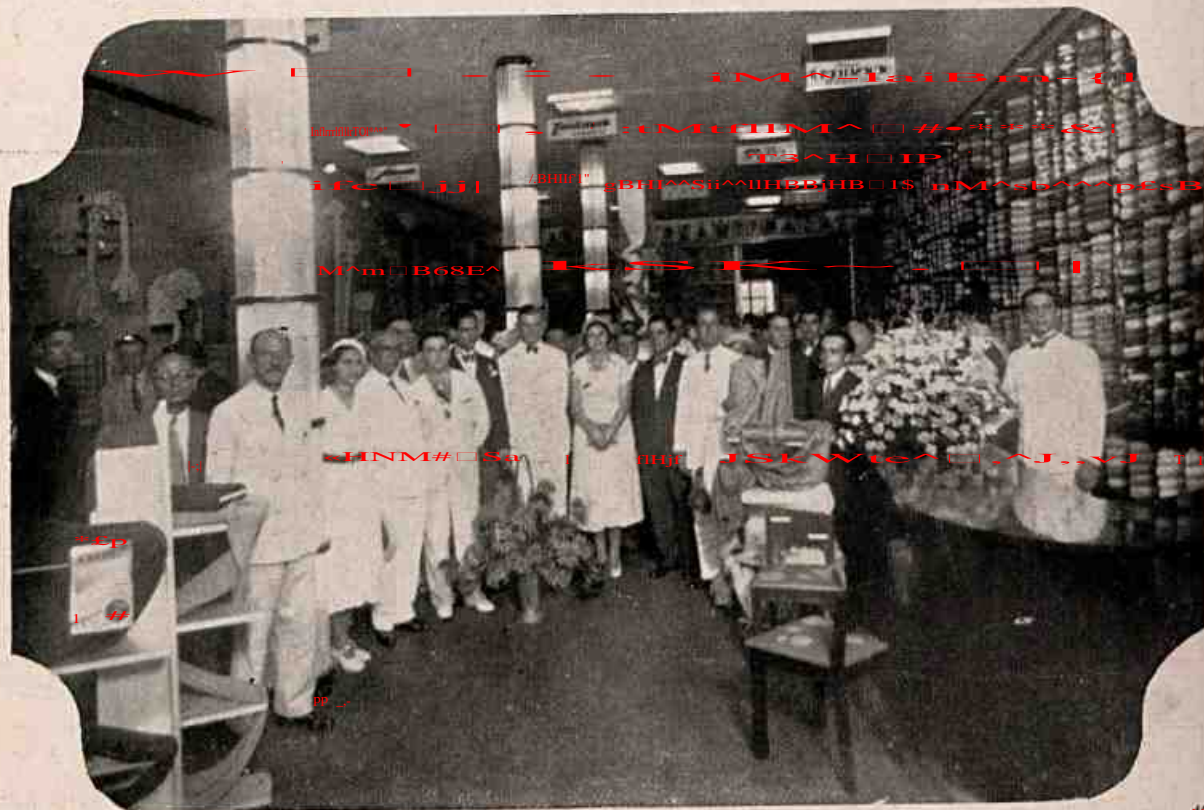
O coronel Augusto Manoel de Aguiar Filho, illustre director do Laboratorio Militar, recebeu, no dia 3 do corrente, por motivo de seu anniversario natalicio, expressiva demonstração de apreço por parte de seus amigos, civis e militares, que servem naquelle importante estabelecimento do Exercito. A' noite, compareceram á residencia do anniversariante innumeros amigos, que levaram á senhora Aguiar Filho lindas cêstas de Flores, falando, por essa occasião, em nome de todos, o escriptor e nosso confrade de imprensa Berilo Neves. O coronel Aguiar Filho respondeu em eloquente improviso. A nossa photographia fixa um aspecto dessa homenagem áquelle distincto official do Corpo de Saúde do Exercito.

A mesa que presidiu á solennidade commemorativa do anniversario da Republica Portugueza no Centro Republicano Portuguez Dr. Affonso Costa, vendo-se no centro o dr. José Augusto Prestes, e, ao seu lado, o dr. Rodrigo Rodrigues, que foi o orador official.

LITERATOS E POLITICOS

Organiza-se em Paris agora, numa dependencia do celebre Museu Carnavalet, a sala de Lamartine. Nella serão expostas as suas reliquias: autographos, uma collecção de cachimbos que usou, moveis, livros, objectos pessoaes. Desta sorte a França presta mais uma homenagem á gloria literaria do seu grande poeta.

Emquanto as nações assim cultúam a memória dos seus principaes homens de letras, raramente se preoccupam com a dos seus homens politicos. Muito raramente mesmo. E eis ahi uma das maiores razões por que todos os politicos se esforçam por escrever ao menos um livréco de versos, afim de conquistar as cadeiras da immortalidade...

Com dois annos e meio de idade, a menina Déa, filhinha do sr. Antonio Conrado Hanszmann, é já uma garota viva, que sabe fazer «pôse» como qualquer moça vaidosa...

As Casas Pernambucanas inauguraram, a 15 do corrente mais uma filial no Rio de Janeiro, esta na rua do Ouvidor, n.° 123-125, onde a grande companhia de tecidos fez installações modernas para o seu novo estabelecimento. O acto inaugural da importante filial das Casas Pernambucanas teve a presença de membros da directoria da Casa Matriz, representantes do alto commercio e da imprensa e outras pessôas gradas.

FON-FON no cinema

De todos os lados vinham soccorros para as suas necessidades.

O HOMEM MIRACULOSO

DA PARAMOUNT

com Sylvia Sidney, Chester Morris e Robert Coogan

UMA quadrilha de ladrões de Nova-York estabelecera-se em certo arraial de diversões, onde fazia proveitosa "pescaria" e da maneira mais engenhosa que já se vira. De accordo com o "Bazar Flor de Lotus", de propriedade de um mestiço chinez, organizavam um prestito oriental, que se tornou famoso, e ahi, quando se agglomeravam os curiosos para ver os folguedos, iam elles, os ladrões alliviando os homens de suas carteiras e as mulheres de suas joias. Depois, no fim da festa, se fazia a partilha.

Helen Smith e John Madison eram os principaes artistas dessa companhia de larapios. Madison fazia as vezes de rapaz rico que se reunia á turba, para ver o prestito, e Helen fazia-se de ladra para o roubar.

A scena repetia-se todos os dias e dava sempre optimos resultados. A ala enchia-se de gente, attrahida pela reclame, e ahi apparecia Helen buscando um logar sempre vazio ao lado de Madison. Mal começava o prestito, a ladra-artista fingia que roubava do bolso do seu comparsa certa somma de dinheiro; este, apanhando-a em flagrante, dava o escandalo. A pequena chorava, ao ver-se apontada como ladra, dizendo que estava sem trabalho e que ha dias não comia. Era isto bastante para que o povo, agora condoido da sorte da menina, se promptificasse a lhe prestar auxilio; e choviam as notas de 5, 10, 20 dollares, que eram depois repartidas com a pilhagem das joias.

Para os ajudar nessa hábil exploração do povo, tinham os la-

Ella não queria continuar naquella vida de crimes.

«Sem fé, nada é possivel; com fé, nada é impossivel.»

drões um sujeito que se fazia de aleijado, mas que outra coisa não era sinão um refinado larapio, que, de braços e pernas retorcidas, fingindo-se aleijado, os ajudava a roubar.

Certa vez, por uma desavença na partilha dos roubos, e por ter o Nikko dirigido umas insinuações a Helen, zanga-se com elle John Madison, e numa luta o rapaz deita o infeliz conquistador de um quinto andar ao solo. A dona da casa grita pela policia, mas antes que os guardas tivessem atinado com o apartamento de onde cahira ou fôra jogado o sujeito, já Madison escapava por uma janella e ganhava o mundo. Ao sahir, promettêra a Helen que lhe mandaria noticias.

Meadville é uma pequena cidade a beira-mar, na California. Ali foi ter o foragido. Ao chegar ao Hotel Congress, Madison soube logo da existencia de um certo homem, que morava a pouca distancia dalli, e que praticava milagres surprehendentes. Muitas pessôas na cidade davam testemunho das curas miraculosas do homem, que as realizava pela fé, e augmentava, de dia para dia, o numero dos afflictos que o iam procurar e eram curados.

John Madison viu logo nesse mysterioso personagem um esplendido meio de explorar o proximo. E, sem mais aquella, escreve a Helen: "Não desmaies, menina, ao leres esta carta... O retrato que ahi vae é de tua mãe, embora nunca a tivesse conhecido. Dize a Harrys que aqui o espero breve e que aprenda a tossir como um tysico. Preciso tambem do "Sapo", pois com elle começaremos os milagres"...

O plano de Madison tinha sido estudado cuidadosamente. Helen apresentar-se-ia como sobrinha do Patriarca, filha de uma irmã do velho, que havia annos elle não via. Na sua visita ao Patriarca, Madison roubára-lhe um pacote de cartas e nellas encontrára todas as indicações necessarias. Harrys, outro comparsa das ladroeiras, chegaria á cidade dizendo-se tuberculoso, e o "Sapo", o tal aleijado, tambem lá iria ter para, aos olhos de todos, ser curado da sua entrevadeira sem cura.

E assim foi. No dia, porém, em que o "Sapo" chegava á cidade, tambem lá estava a irmã de um millionario, paralytica, que ia procurar o Patriarca para que este a curasse. Esse facto ajudava o plano dos larapios, e assim, reunida a comitiva, foram todos á casa do santo curandeiro. Madison, como sempre, fazendo a propaganda do velho que, dizia elle, o curava de um ataque dos nervos e tinha quasi restabelecido o seu amigo Harrys de um pertinaz ataque nos pulmões.

Um menino aleijadinho tambem acompanha a comitiva. Como o pae sempre se oppuzéra a que fôsse ver o Patriarca, o pequeno entrevado aproveita a occasião para ir implorar ao santo homem que o fizesse andar.

O plano estava marcado e o "Sapo" devia ser o primeiro a prostrar-se aos pés do Patriarca. Seria a comprovação inilludivel do milagre. Mas, para assombro de Madison de Harrys e da propria Helen, que lá estava, fazendo as vezes de sobrinha do velho, ao levantar o Patriarca as mãos para o céo, emquanto, a seus pés, o "Sapo", por truc, se desentrevava, os outros, os enfermos de verdade, deante do primeiro "milagre", sentiram-se completamente bons. O aleijadinho foi o segundo a atirar para um lado as muletas e sahir correndo para o homem miraculoso. A irmã do millionario, sentindo-se tocada de alguma coisa, levantou-se de sua cadeira de paralytica, andando com perfeita segurança...

Era um prodigio sem nome! Toda a gente alli reunida ficou pasmada. E os ladrões, agora convencidos de que na verdade havia no velho algum poder divino, começaram logo a arrecadar dinheiro para uma capella a ser

(Continúa na pag. 50)

Elle convertêra-os a todos.

Não havia uma que não se apaixonasse pelo grande artista.

O FAVORITO DOS DEUSES

Da UFA — (Programma Art)

COM — EMIL JANNINGS

O grande Alberto Winkelmann, o cantor maravilhoso, o forte gigante, cheio de vida e alegria, cuja voz é duma sonoridade maviosa que faz os homens chorarem de commoção, é um favorito dos deuses e dos homens. Rindo, o actor acceita as manifestações que lhe fazem as pessôas que se apertam á sahida do theatro afim de ver mais uma vez o grande tenor heroico antes de sua tournée á America do Sul. E então as mulheres! Desde a "garçonette" do seu bar predilecto até sua collega, todas o adoram, a elle que é prodigo em ceder-lhe sua affeição, pois para elle mulheres são o que ha de melhor de toda a creação. No camarim do cantor hoje ha grande movimento. Um mar de flores está espalhado por sua mesa, além de garrafas de vinho e diversos petiscos, pois Alberto gosta das coisas gostosas. Ama o vinho, a mulher e o canto. Kratochvil, o velho encarregado do guarda roupa, põe as mãos na cabeça, de tão agitado que está. Que é que elle vae fazer com todas estas mulheres? Primeiro a senhora Dagemirska, a russa bella e picante, vizinha da propriedade que Winkelmann possúe ás margens do Wolfgangsee, e que faria tudo para ver o cantor cahir definitivamente nas malhas de sua seducção. Depois, a pequena bailarina travessa, que o ameaça com sua fidelidade por toda a vida, a Desdemona apaixonada pelo Othelo sumptuoso que logo ha de cantar. Mas o peor é que a mulher do cantor tambem quer vir, acompanhada pelo titio conselheiro sanitario, para examinar o coração de Winkelmann. Agathe, a esposa amorosa e intelligente do cantor, teme pelo seu Alberto. Essa vida alegre durante decennios ha de vingar-se do homem de quarenta annos que nunca se poupou. Mas o cantor não quer saber disso. Com um humor energico elle zomba do medico, gracejá com a esposa e reparte-se ingenuamente e no fundo, sem qualquer malicia, entre suas admiradoras e sua senhora, a quem ama verdadeiramente e á qual em horas ternas chama de mãezinha. Ella detesta toda essa vida agitada do palco. Gostaria de ter pelo menos uma vez o seu marido só para si, em vez de repartil-o com todo o mundo... Mas a campainha do mestre de scena já se fez ouvir e o Othello deve ir para o palco, os nervos tensos, quasi a estalar. Agathe,

A esposa não o queria perder.

Continúa o favorecido dos deuses.

Até aquella travessa bailarina.

Othelo... com varias Desdemonas.

tristemente se resigna. Ainda na mesma noite Winkelmann toma o trem que o levará á sua grande *tournée*. Na estação se apinham todos os seus admiradores e admiradoras. Nesse ambiente barulhento, Agathe despede-se do marido. Será uma despedida para sempre, pois elle não necessita de esposa; elle só precisa de mulheres. Por um momento, o cantor fica sério: que terá a sua mulherzinha? Mas a azafama da despedida faz desapparecer tudo, mesmo as ultimas palavras de uma esposa receiosa. America do Sul! Colwyn, o grande emprezario e agente theatral, não está contente com o actor que mandou vir de Vienna com grandes despesas. A voz parece cançada, o homem é muito velho e não supporta bem o clima. Para qualquer eventualidade, Colwyn já dispõe de um joven italiano, Cardagno, que a qualquer momento poderá substituir o actor allemão, se este falhar. Winkelmann luta dum modo desesperador contra o calor, contra o desastre que elle tem em perspectiva. Reúne as suas ultimas forças. Quer cantar, mas a voz falha, alguns sons são roucos. Não é possivel. Desce o panno, transporta-se o cantor, sem sentidos, para seu camarim, e Cardagno continúa a peça. O medico diagnostica: atonia das cordas vocaes. E' o fim. Um vencido. Regressa á patria. Bandeiras e foguetes recebem o cantor, em Wolfgangsee. Todos lhe dão os parabens, pois Colwyn communicou á imprensa sómente successos. Tambem Agathe não presente que seu esposo, de repente tão ansioso por descanço e paz, perdêra a voz. Ella não sabe porque elle soffre e julga que elle se arrependeu de sua promessa de não mais representar. Discretamente, ella procura dar-lhe nova opportunidade para cantar e só então sabe que elle não póde mais cantar. Mas em logar de consternação e piedade insupportavel, elle vê que Agathe o comprehende e está alegre em ter finalmente o homem querido só para si. Elle igualmente está livre do peccado que durante tanto tempo o atormentou. E' quando vem Kratochvil, enviado pelo intendente, afim de ver si consegue rehaver para o palco o favorito do publico. Mas Winkelmann representa uma grande comedia. Que? Elle nem pensa em trabalhar para os outros; elle não cantará. Aqui como camponez, elle é um homem livre; aqui tudo lhe sorri, — e cheio de alegria elle começa a cantarolar o seu canto predilecto: "Eu estou tão contente..."

Mas, que é isto? No estribilho jubiloso elle esquece a si proprio e... recupera a voz. Um fogo estranho e novo abraza as veias do actor. Sim, elle ha de cantar. Tambem Agathe, que agora comprehende que um verdadeiro artista não póde viver sem a sua arte, está enthusiasmada e o acompanha. Ella chora lagrimas de alegria quando, ao lado do fiel Kratochvil, nos bastidores do theatro real de Vienna, escuta a voz maravilhosa do grande cantor.

Ellas não lhe podiam resistir.

Medeiros e Albuquerque — PARLAMENTARISMO E PRESIDENCIALISMO NO BRASIL. — Editor Calvino F.º — Rio — 1932 — 5$

GRANDE parte deste livro contém materia que já appareceu sob o titulo: *O regimen presidencial no Brasil*. Publicado em 1914, provocou uma resposta, apoiada sobre a autoridade de Campos Salles.

O autor não achou *graça*, pois, pensa que Campos Salles foi precisamente o presidente mais nefasto que o Brasil teve, porque foi elle que instituiu a chamada *politica dos governadores*, depois da qual a Republica degenerou rapidamente. Por isso, resolveu ampliar o trabalho advogando a excellencia do regimem parlamentar para o Brasil, e como possúe um talento formidavel, esgrimindo as idéas com encantadora facilidade, quasi convence o leitor acerca do que pretende provar. Medeiros e Albuquerque é um simplificador admiravel. A sua logica baseia-se em exemplos claros. O presidencialismo conduziu o Brasil á ruina. O parlamentarismo teria salvo o paiz. O argumento decisivo tel-o no Chile. "De 1891 datam — no Chile, a instituição franca do regimem parlamentar; — no Brasil, a do presidencial. Quando, porém, se ouvem brasileiros falar mal do parlamentarismo chileno, basta fazer-lhes as seguintes perguntas:

— Quantas revoluções houve no Brasil de 1891 até hoje? — Diversas!

— Quantas, durante esse mesmo periodo, no Chile? — Nenhuma!

— Qual das duas nações abriu falencia? — O Brasil, que precisou votar uma moratória."

Naturalmente, quando o illustre academico escreveu este livro, não suppunha que o Chile ia desmentil-o, conseguindo, em curto periodo, distanciar-se do Brasil, na série revolucionaria. Agóra nós estamos perdendo, por cabeça...

Talvez appareça por lá algum publicista affirmando que o mal do Chile foi justamente o parlamentarismo.

Que o Brasil, pelo facto de ter adoptado o regimem presidencial, gozou de maior periodo de socego!

O ideal seria inventar uma coisa nóva, mas, parece que o socego não existe nem no céo...

Como tudo quanto sáe da penna scintillante de Medeiros, este livro desperta viva curiosidade, sendo um prazer a sua leitura.

Martins D'Alvarez — QUARTA-FEIRA DE CINZAS — Fortaleza — 1932 — 4$

PUBLICANDO ha dois annos, *Chorо verde*, Martins D'Alvarez revelou ser um artista da poesia moderna. Com a novella que acabamos de lêr, temol-o como artista da prosa trabalhada nos móldes da época que vivemos, isto é, ligeira, nervosa, incisiva. O livro destina-se a quem sabe lêr nas entrelinhas, conforme diz o autor:

"Livre de complicações, desnecessarias nas historias simples e humanas, ella encarna um debuxo leve da realidade da vida. Cinco personagens, algumas decepções, muita tinta e o esboço de duas théses tão communs que até parecem desinteressantes." E' assim que o proprio autor pretende desvirtuar o valor da novella, num *cartaz* de apresentação. *Quarta-feira de cinzas* vem, entretanto, focalizar o nome de Martins D'Alvarez, membro illustre da Academia de Letras do Ceará, magnifico viveiro de espiritos brilhantes, onde fulgura Adonias Lima, seu actual presidente.

Renato Jardim — A AVENTURA DE OUTUBRO E A INVASÃO DE SÃO PAULO — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 8$

TRATA-SE de um livro de combate, como, aliás, se depreheende do seu titulo, escripto numa linguagem vehemente, á guiza de depoimento sem resquicio de paixão, acerca dos acontecimentos politicos ultimamente desenrolados no nosso paiz.

Apreciando homens e factos, o autor proclama a sinceridade do seu juizo, muito embora embrenhando-se ás vezes por atalhos melindrosos, verdadeiros beccos sem sahida...

Alexandre Dumas — O CAPITÃO PAULO — Editora S. I. P. — S. Paulo — 1932 — 2$

É o segundo volume da *Collecção Economica*, recentemente lançada no mercado dos livros, com grande successo. Os volumes desta série são extremamente commodos, formato in-32, podendo ser levados no bolso.

O aspecto material é primoroso, rivalizando com as edições estrangeiras.

Mario [illegible]

A ETERNA INGENUIDADE

«QUE tens, querida?... Outra vez com enxaqueca?... Mas... fizeste mal em deitar-te assim, vestida. Tens as mãos geladas. Faz tempo que te deitaste?... Deixa que te tape com esta mão. Melhor seria que tirasses o vestido e ficasses na casa, si te sentes mal... Queres que descerra as cortinas?... Vamos ver: olha-me. Mostra-me essa carinha... Não? A filhinha está muito doentinha?... Vamos, querida: um pequeno esforço, Cecilia... Vem: dá um abraço em teu maridinho... E dize-me: ainda não está preparado o almoço?... Oh! Que falta de pontualidade!... E hoje que cheguei um pouco tarde, porque fui á estação levar Cléry. O trem sahia ás doze e meia... Ficámos na *gare*, conversando, até o ultimo momento... Antes das duas devo estar novamente na usina... Não me escutas, Cecilia... Um pouco de coragem... Não dás siquer um beijo em teu pobre Bob?... Bem, bem... Não te aborreças... Tiritas?... Estás com frio?... Tens febre?...

"Oh! Choras?... Cecilia! Cecilia!... Que tens. Anda, tira esse braço. Não occultes o rosto... Que coisa feia! Uma senhora tão grande com essas choradeiras infantis! Mas... Por que choras assim? Que te fiz eu para chorares assim? Que te fiz eu?...

"Creio que não será porque chego tarde... Ou é porque não te telephonei? Não. A causa não póde ser essa... Confesso-te, no emtanto, que tive meus remorsos por essa falta de attenção... De qualquer maneira, me seria impossivel falar-te. Que diria Cléry, vendo que eu me despedia delle muito antes da partida do trem? Cléry é um bom rapaz e um grande amigo... E' pena que vá para tão longe, e talvez para sempre... Continúas chorando? Cecilia! E's tão má! Por um pequeno atrazo de teu maridinho...

"Não sabes quanto te quer teu maridinho? E's sua vida, és sua alma. Todos os minutos de minha existencia são consagrados a ti, Cecilia... Dize-me... contaram-te alguma coisa de mim?... Oh, qualquer coisa que te hajam dito, qualquer coisa que porventura tenhas pensado, é falsa! E' falsa, sim... Porque te quero somente a ti, queridinha...

"Tranquilliza-te... Si soubesses quanto me dóe ver-te assim, chorando, chorando sem motivo!... Basta, basta... Por que me impões esse castigo, si não fiz nada de mal? Nada, querida. Juro-te que venho da estação... Nada, nada, absolutamente nada ha em minha vida que possa ensombrecer teu amor... Nada! Sou teu, teu em corpo e alma. Sou teu escravo...

"Bem o sabes? E então... Por que estás assim?... Si não desconfias de mim, por que choras?

"Não estou sempre a teu lado, é verdade. Não te posso dedicar todas as minhas horas. E nesta cidade de provincia a vida é um pouco monótona para uma mulher cujo marido deve passar dez horas por dia em uma usina... Sobretudo para uma mulher com tu, refractária á sociedade, ás festas, ás visitas... Não; não é uma censura, querida... Pelo contrario... Mas comprehendo perfeitamente tua situação. Esta cidade não tem encantos. E uma mulher joven não se póde conformar com alguns passeios ou algumas horas de palestra em casa de sua unica amiga... Visitar duas ou tres vezes por semana a unica amiga não é sufficiente, já se vê, para encher de sentido uma vida... E estar com Suzanna não póde ser para ti o mesmo que estar commigo... Mas, porque possas visitál-a com frequencia, não te sentes tão só... Eu tambem queria ter-te todo o dia a meu lado. Mas é impossivel... Não

SOBRE UM THEMA ANTIGO

Marcando a direcção da minha vida,
Havia numa estrada dois caminhos:
Um de facil e commoda subida,
O outro só de asperezas e de espinhos.

O primeiro escolhi, com mil carinhos.
Era a parte da estrada preferida,
Cheia de flôres, passaros e ninhos,
Numa curva feliz e indefinida...

De Maurice Renard

deves, pois, aborrecer-te. Sê razoavel, Cecilia... Os tempos hão de mudar e...

"Escuta: eu pensava ficar ainda dois annos na usina. Mas, si queres, posso pedir o logar que Cléry deixa vago. Ainda não foi designado seu substituto. Assim terei mais tempo livre. Cléry era inspector e não estava obrigado a cumprir com um horario de trabalho... A proposito, imagina como é ruim agente deste logar... Andam dizendo por ahi que Cléry, em vez de cumprir com suas obrigações de inspector, dedicava a maior parte de seu tempo as aventuras galantes... Nem siquer sorris?... Mas, Cecilia! Vou pensar que estás muito grave!... Tremes?... Outra vez?... Que estás sentindo?... Anda, reage... Não queres tomar alguma coisa? Sim, um dedo de cognac. Far-te-á bem... Estás branca como um papel!... Espera...

"Toma... Não. Não admitto discussões. Toma... E' isso. E' assim que eu gosto... Como te dizia, eu poderia substituir Cléry. Pela manhã, trabalharia aqui, e á tarde faria tranquilamente minha volta de inspecção. E então... Oh!... Tambem eu poderia ter meus encontros de amor!... Comtigo, já se vê. E nesta casa!... Assim poderiamos estar todos os dias juntinhos!... Dize-me: não te enthusiasma meu plano?...

"E logo, querida, procurariamos ampliar o circulo de nossas relações, tratar com mais gente. Olha: até nos seria possivel offerecer dois jantares antes de terminado o inverno.

"Assim te distrahirás um pouco... Sim, sim. Não sou tão egoista que pretenda encerrar-te entre quatro paredes...

"Isso me faz pensar que Cléry já não tomará parte em nossos *bridges* dos sabbados. Que pena! Tão bom amigo que elle era! Poucos rapazes ha como Cléry, não é verdade? Attencioso, cortez, solicito...

"Entristeço, realmente, ao pensar que talvez nunca mais nos vejamos...

"Quem nos mandarão, agora, de Paris, para completar o pessoal? Ninguem sabe... Ainda ha pouco o chefe fazia a mesma pergunta.

"Pobre Cléry!... Ir para tão longe!...

"Cecilia!... Cecilia!... Que? Que tens? Cecilia!... Por que me olhas assim?... Sou eu, eu, teu marido... Não, não!... Cecilia!... Abre, abre os olhos!... Olha-me! Olha-me!...

"Josepha! Josepha!... Depressa!... A senhora desmaiou... Traga agua de Colonia. Depressa, Josepha! Mova-se!... Ali está o vidro...

"Dê-mo... Dê-mo... Mas, que terá ella meu Deus?... Deve ser um ataque de nervos!... Cecilia!... Minha Cecilia!... Oh, não reage!... A senhora desmaiou, Josepha!... Traga sáes!... Sáes... sim! Depressa!

"Cecilia!... Minha bôa Cecilia!... Sou eu, teu maridinho!... Abre os olhos! E dize-me, dize-me o que tens... Por que não explicas teu mal?...

"Josepha, Josepha!... Ajuda-me!... Desabotôa-lhe a blusa... Fricciona-lhe o peito...

"Mas... que é isto?... Um retrato?... Dê-mo, Josepha... Por que mo occulta?... Dê-me, dê-me esse retrato, estou lhe dizendo!... Dê-mo!...

"Hein?... Não, não póde ser!... O retrato de Cléry!... O re... tra... to de Clé... ry! Ah... Meu Deus!...

"Cecilia!... Cecilia!... Que significa este retrato guardado em teu seio?... Responde!... Cecilia!... Abre, abre os olhos!... Olha-me!... Olha-me!... Cecilia!... Infame!... Infame!..."

Aconteceu, porém, dura surpresa,
Mudando por completo aquelle estado
Que parecia eterno de belleza...

Todo entregue á illusão do meu achado,
Só deixo penetrar pela devêsa,
Que os dois caminhos tinham-se encontrado!

Rio, 10, IX, 32.

ALFREDO ASSUMPÇÃO

A RECORDAÇÃO DO PASSADO

A velha poetisa acaba de ler nas notas mundanas uma noticia que a deixou pensativa. Elle, o homem do seu passado, o homem a quem tanto amára e que a fizéra soffrer, estava muito mal, talvez prestes a deixar o mundo.

E aquella noticia alli estava, perdida entre as outras, como um facto banal. A morte do unico homem que não pudéra esquecer de todo!...

Apesar de ser um romance da sua juventude que ia tão longe, apesar da separação de quasi meio seculo, a idéa de que elle ia desapparecer deixava a grande amorosa num estado de apathia e solidão.

Era a unica creatura do seu passado que ainda existia, que a conhecêra em moça, quando fôra bella e a amára. Emquanto elle vivia ella se sentia acompanhada, mas agora... Uma nevoa de tristeza passou-lhe pelo semblante.

Com os dedos engelhados, com que outrora escrevêra os seus poemas, que firmavam episodios do amor de ambos, retirou-os de uma caixinha. Releu-os, e seus olhos inundaram-se de lagrimas.

Pouco a pouco, a recordação do passado parecia rejuvenecêl-a. Sentia um lampejo de mocidade percorrer-lhe o corpo. Via-se joven e elegante, retractada com nitidez naquelle papel por uma penna firme. A mulher e a artista se confundiam!...

Depois, voltou ao presente. Jurára nunca mais falar a Aldo; mas elle ia morrer... Quiz vêl-o pela ultima vez. Ainda o sentia moço como outrora; esquecida no seu devaneio que os annos haviam passado...

* * *

O quarto de Aldo estava semi-obscurecido. A' entrada de Sonia, elle perguntou, tremulo:

— Quem se aproxima?

E ella, commovida:

— Não reconhecerias mais.

Ao ouvir aquella voz que parecia vir de tão longe, Aldo estremeceu vivamente. Esticando com esforço o braço até a janella, abriu-a, e, então, elle e ella pararam dominados por força superior. Pouco depois, confundiram-se num abraço de dor e alegria.

— Sonia, você tornar a ver-me!...

Ella retrucou, sorrindo:

— Talvez não seja tão difficil que ainda re conheçamos!

E olhava-o. Aquelle homem forte e másculo que conhecêra outrora, alli estava com as faces engelhadas; os cabellos negros agora completamente brancos e ralos.

Fitaram-se muito tempo. Havia tanto o que dizer, mas nem sabiam como! Depois a mão delle tão grande que envolvia completamente a della, pequenina e fina, apertou-a como antigamente. O ancião olhou-a com os olhos marejados d'agua.

— Sonia, você ainda está bella!

Ella sorriu, commovida toda satisfeita da mentira.

— E você é velho, como foi em moço, sempre mentiroso.

— Acha que já estou velho?

A bôa senhora não conteve um sorriso.

— O eterno vaidoso! O eterno elegante dos salões e dos sports! O homem que não me poude comprehender!

Aldo demorou-se a olhál-a, e depois tornou tristemente:

— Não pensei que a veria mais!...

— E por que?

— Você foi sempre tão bôa, e o meu passado...

Sonia quiz sorrir:

— Lembra-se das nossas briguinhas e pirraças? Que duas crianças!...

Mas Aldo insistiu:

— Fui tão incorrecto!...

— Não. Foi como os outros homens apenas. Eu, sim, quiz fazêl-o differente. Não podia obrigál-o a comprehender o meu amor, cheio de

De Walter de Sequeira

phantasia e paragens celestiaes. Fui uma sonhadora louca, uma sentimental.

— Você era, para mim, homem mundano e do sport, algo de divino e incomprehensivel! Lembra-se quando lhe falei que nunca encontrára uma creatura assim?

— E você foi tão leviano, tantas vezes me enganou e eu perdoei... Mas Gilberta, a ultima, você a namorou quasi na minha frente.

— Oh, cale-se...

— E bem póde avaliar a dor que sei, si me deu forças para afastar-me de você...

— Sonia, eu a amei sempre, mas a encarava tambem como algo distante; para minha banalidade sentia as outras mulheres mais proximo, mais ao meu alcance, por isso.

Sonia sentiu os olhos turvos.

— Esqueceu que esta artista era tambem uma mulher que o amava. Eu não o fiz comprehender.

— Um engano afastou-nos toda a nossa vida!

— Talvez fosse melhor; eramos genios oppostos. Você jamais apreciou o que fiz.

— Não me julgue assim. Sei que não lhe disse. Achava to'o parecer um homem sentimental; mas, para mim, você foi o maior cérebro que admirei!

Sonia deixou pender a cabeça para traz; tomára-a indizivel emoção e as lagrimas rolavam-lhe incessantes dos olhos.

Aldo tirou uma pequena arca da cabeceira e, com carinhoso cuidado, desdobrou aos olhos de Sonia toda a vida literaria della, que elle acompanhára passo a passo: livros, contos, folhetins, artigos, poemas, criticas, todo o passado, toda a vida de uma mulher! E ella, chorando, então, abraçou-o de encontro ao coração.

— Você, você tambem nunca se esqueceu de mim!...

Elle tornou, commovido:

— Como poderia?...

— Eu ficarei agora a seu lado. Viveremos juntos os ultimos momentos que nos restam.

Dias passaram.

Algum tempo Aldo permaneceu no leito, lutando com a morte ameaçadora e tendo os cuidados desesperados da companheira. Por fim, venceu e conseguiu voltar ao mundo, a Sonia! Mas conseguiu-o para, deante da felicidade immensa, verem ambos o que haviam perdido!... Foram felizes para que a recordação do passado desfeito os torturasse sempre!...

E tudo na vida é assim...

Notas de Arte

COMPANHIA DRAMATICA FRANCEZA — DELIA COL-DEBUCOURT. — Com as peças *Topaze*, de Marcel Pagnol; *Le Cyclone*, de Sommerset Maughan, original inglez adaptado ao theatro francez por H. de Carbuccia; *Nicole et sa vertu*, de Felix Gandera; *Mademoiselle*, de Jacques Deval; e *Le mal de la jeunesse*, original do dr. Ferdinand Bruchner — "um quadro dos vicios, males e dores da mocidade allemã de após guerra, apresentado por um medico allemão" — realizou a a C. D. F. — Delia Col-Debucourt, na ultima semana, no Theatro Municipal os seus ultimos espectaculos, dos quaes só aos dois primeiros assistimos.

Foi, talvez sem proposito, mas de facto commemorativa a representação de *Topaze* na noite de 9 de outubro, pois nessa data fazia 4 annos que fôra levada pela 1.ª vez á scena no *Theatre Variétés*, de Paris.

Topaze é a idealização comica da força corruptora do dinheiro agindo sobre a mediocridade moral de meia duzia de individuos. Como nas epocas profundamente irreligiosas como a nossa, essa meia duzia converte-se em centenas e milhares, a peça reflecte bem a deploravel moralidade do momento que passa. E' uma satyra social, que, pelo seu caracter profundamente humano, a torna apreciavel e apreciada por todas as platéas, e eleva o seu autor aos cimos da fama universal. *Topaze* é um typo que talvez fique senão definitiva provisoriamente, na galeria dos seus emulos creados pelos grandes mestres da comedia, Plauto ou Molière.

Topaze, mestre-escola, diligente e honesto, comprido absoluto do dever, recusa modificar a nota má de alumno rico, contra a vontade do director da escola que o instiga a fazel-o para ser agradavel aos paes do menino e não perdel-o com prejuizo para as rendas do collegio. Despedido por sua attitude intransigente e honesta, recorre aos bons officios de Suzy Courtois, uma mulher bonita, que elle acredita ser senhora de sociedade, quando não passa de exploradora amante de um conselheiro municipal negocista, Régis Castel-Bénac. Suzy instiga-o a abandonar o mediocre emprego de professor e leva-o a acceitar o de agente de negocios, de testa de ferro nas negociatas a que o amante se entrega. A principio sem comprehender e depois consciente do seu mister, vencido pelas seducções de Suzy, Topaze atira-se ás empresas criminosas de Castel-Bénac e acaba por supplantál-o, tornando-se elle proprio o principal ou o unico *profiteur* das negociatas. Liberta-se de Bénac; toma-lhe a amante e goza a vida rico e feliz, feliz á maneira dos deshonestos, esquecido de todos os preceitos moraes que dictava aos discipulos e se liam nas paredes da sua aula no Collegio Muche: *Pauvreté n'est pas vice; Bonne renommée vaut meiux que ceinture dorée; L'argent ne fait pas le bonheur*. No dialogo final com o velho amigo Tamise, seu emulo de honestidade nos tempos do Collegio Muche, que o interpella sobre accusações apparecidas na imprensa e acaba pretendendo ser-lhe secretario para auferir os lucros da posição, Topaze caracteriza em synthese toda a peça. "Ah! l'argent... Tu n'en connais pas la valeur... Mais ouvre les yeux regard la vie, regarde ets contemporais... L'argent peut tout, il permet tout, il donne tout... Regarde ces billets de banque, ils peuvent tenir dans ma poche, mais ils prendront la forme et la couleur de mon désir. Confort, beauté, santé, amour, honneurs, puissance, je tiens tout cela dans man main... Tamise, les homms ne sont pas bons. C'est la force qui gouverne le monde, et ces petits rectangles de papier bruissant, voilà la forme moderne de la force."

Eis ahi a lição amarga da comedia de Pagnol. Sob esse aspecto é profundamente immoral. As naturezas communs, facilmente suggestionaveis, nella encontram poderoso estimulante para a vida aventureira dos negocios escusos, dos amores faceis. Mas, ao inverso, os que possuem o verdadeiro senso moral, vendo em Topaze o doloroso contraste entre o typo normal das almas sãs de corpo e de espirito, que ainda formam grande senão a maior parte da especie humana e as morbidas figuras que desfilam na satyra cruel do comediographo francez, podem classifical-a entre as obras moraes ande se observa o velho preceito

(Continúa na pag. seguinte)

O grande tenor russo Marcel Klass, que realizará hoje ás 21 horas, no theatro Municipal, um concerto no qual interpretará árias e canções italianas, francezas, portuguezas e russas.

de Horacio: *ridendo castigat mores*...

Le Cyclone é um drama extranho; uma tragedia quasi á maneira de Ibsen.

Maurice Tabret, depois de um anno de casamento feliz com Stella, é victima de um desastre de avião. Fracturando a columna vertebral, fica inutilizado por uma myelite que o levará á morte certa. Nesse estado de cadaver vivo — *la vie est pour les vivants et moi je suis mort*, são palavras de Maurice — cada vez mais apaixonado por Stella, cada vez mais desejando possuil-a como dantes, soffre, soffre calado, e apparenta serenidade e resignação.

Stella não resiste á desgraça. Muda o amor em piedade. Agora ama o irmão de Maurice, Fred, que a instancias do proprio enfermo é o companheiro da cunhada em festas e passeios. Breve de namorados se fazem amantes. Stella vae ter um filho de Fred...

Mme. Tabret, a mãe de Maurice e de Fred, acompanha silenciosa todo o desenrolar do drama. Descobre tambem o amor da enfermeira, a Nurse Wayland, por Maurice; amor feito de renuncia e dedicação... *Mon amour pour lui etait aussi pur que mon amour pour Dieu. — Je n'ai jamais embrassé ses lévres avant que le froid de la mort les ait glacées*... Confessará mais tarde Wayland.

Certo dia, Maurice amanhece morto. De que morrêra? Responde o medico assistente, dr. Harvester — de uma syncope cardiaca. Toda a familia acceita o diagnostico. Ha porem uma pessôa que se não conforma com a opinião do medico: é Nurse Wayland. Para ella Maurice morreu envenenado. E sem o dizer ás claras sente-se que as suas suspeitas recaem sobre Stella, que devia ter assassinado o marido para casar-se com o amante. Só lhe falta para a certeza absoluta o resultado da autopsia, que insiste seja feita, ameaçando levar o caso ao conhecimento da policia. Perante toda a familia do morto, não hesita em propalar o escandalo dos amores incestuosos de Stella e de Fred. Afinal, vencidas todas as resistencias e a conselho do major Stevens, velho amigo da casa, que nutrira outr'ora por Mme. Tabret amor não correspondido, vae ser feita a communicação do acontecido á autoridade policial. E' então que Mme. Tabret decifra o enigma. Realmente Maurice morreu assassinado; mas quem o assassinou foi ella. Não foi um crime, um infanticidio imperdoavel, mas um acto de humanidade e o cumprimento da promessa feita ao enfermo, que lhe pedira a morte se fosse incuravel o seu mal. Os cinco comprimidos de chloralina que ministrou a Mauricio e lhe deram o somno eterno, libertaram-no da dôr physica que dia a dia o torturava e o levaria á morte, e, da angustia sem nome, que teria de supportar se viesse a conhecer da vida incestuosa de Stella. "Il y a des années, dil-o serena afogando a emoção, a tragica heroina — quand pour mes fils j'ai renoncé á mon grand amour pour ce vieux major ici présent, je croyais qu'on ne pourrait jamais me demander de plus grand sacrifice. Je sais mantenant que ce n'était rien. Car j'aimais mon enfant. Je l'adorais. Je suis si sente maintenant qu'il est mort! C'est un beau rêve qu'il faisait it je l'aimais trop pour le laisser s'en éveiller. Je lui avais donnée la vie. Je lui ai repris la vie... Il a rêvé son rêve jusqu'á la fin."

Le Cyclone, de Maughan, evoca *Os Espectros*, de Ibsen. Maurice Tabret recorda Oswaldo Alving; Mme. Tabre Mme. Alving; Stella, Regina; o Major Stevens o Pastor Munster ;só Nurse Wayland e o dr. Harvester não têm parciario no drama escandinavo, porque tambem só elles não participam da existencia anormal das duas familias, os Alving e os Tabret. Não é que se equivalham exactamente todos esses personagens, como heroes das mesmas scenas, mas porque se assemelham como figuras anormaes de intrigas sentimentaes do mesmo genero, e dois delles são victimas de molestias mortaes do systema nervoso encephalo-rachidiano e Regina é a enamorada incestuosa de Oswaldo, porque sua irmã illegitima, como Stella amante incestuosa do cunhado. Mme. Alving amou o Pastor Musestu como Mme Tabré ao major Stevens. Oswaldo, heredo-luetico definha torturado pela paralysia geral progressiva e pede a morte á piedade de Mme. Alving, que lh'a recusa espavorida mas parece lh'a dará afinal fora da scena; Maurice, martyr da myelite descendente, implora tambem á morte a Mme. Tabret que lh'a dá resignada e estoica. E' só a differença essencial entre as intrigas dois dramas de estranha e pungente psychologia. Mme. Alving, a mãe de Oswaldo, recua ante o horror do infanticidio, dizendo ao filho angustiado: "Pedes a morte a mim que te dei a vida!" emquanto o filho lhe replica: "Eu não a pedi. E que especie de vida me deste? Não a quero! Retoma-a!" Mme. Tabret, a mãe de Mauricio, ao contrario, affronta o horror e justifica o sacrificio usando do mesmo argumento para fim inverso: "Eu lhe dera a vida; eu lh'a tirei.... Mauricio não tinha mais nada no mundo a não ser o amor de Stella e eu sabia que ella não tinha mais amor para lhe dar. Porque vivemos, sinão por nossa illusão... Elle sonhou seu sonho até o fim."

A peça de Maughan está longe de ter toda a grandeza tragica do drama de Ibsen; mas passou por ella o sopro do genio, o genio sombrio do Shakespeare scandinavo...

Tanto *Topaze* como *Le Cyclone* encontraram na C. D. F. — Delia Col-Debucourt interpretes merecedores dos applausos com que foram acolhidos pela assistencia do T. M.

Caracteres tão oppostos como a alma nobre, o coração altruista de Nurse Wayland e a carne corrompida da mundana Suzy Courtois, encarnou-os magistralmente com verdade e com belleza, a illustre artista Dalia Col. Soube dizer com inflexão cheia de intensa communicabilidade a phrase empolgante da scena final de *Le Cyclone*: "Madame, pardon... Vous l'aimiez plus que moi".

Debucourt, na sua rapida passagem pelo scenario de *Le Cyclone*, encarnou com muita verdade o marido inutil e apaixonado de Stella, e o doente da lesão medullar, que o desastre de avião lhe causára.

Henrique Darbley viveu com muito relevo o heroe de *Topaze*. Pertencendo á estirpe das individualidades scenicas que definem um typo humano geral, o illustre artista soube realçal-o na tude desse caracter. Causou-nos bella impressão a maneira por que traduziu a gradual transformação do pobre e honrado mestre-escola na figura do prevaricador e negocista, rico e deshonesto; do virtuoso namorado de Mlle. Muche no amante audacioso de Suzy.

Maurice Jacquelin perfeito nas duas personagens de Bénac, de *Topaze* e Stevens, de *Le Cyclone*. Tem este artista o dom de levar o natural a ponto de confundir o real da vida com o ficticio da scena.

Janine Leduc agradou em Mlle. Muche mas ficou muito aquem do

(Continúa na pag. seguinte)

Caixa de Surprezas

CASADO... VINTE VEZES! — Durante o pontificado de S. Damaso, segundo o testemunho de S. Jeronymo, celebrou-se na cidade pontificia um matrimonio com extremo singular: o de um homem que já havia tido "vinte mulheres" com uma mulher que havia tido tambem nada menos de... "vinte e dois maridos"!

Como já fossem muito velhinhos ambos os conjuges, todo mundo desejou saber qual dos dois sobreviveria ao outro. Foi a mulher que primeiro tomou o caminho da eternidade em busca de seus... 22 maridos, deixando na terra, são e frescote, seu ultimo esposo — o 23º — que assistiu, radiante de jubilo, os funeraes de sua mulher, que foram uma especie de festejo de sua victoria... Tanto que levou uma corôa na cabeça e uma palma na mão, sendo acclamado com enthusiasmo pelo povo.

•

O USO DO CALÇADO — O calçado que á humanidade vem usando já ha seculos, segundo a opinião do physiologo francez Lannelongue tem causado graves deformações no pé. Affirma este sabio que o pé humano, alem de servir como base de segurança e equilibrio do corpo, era tambem um orgão prensil, como a mão. E a prova disto é que os povos asiaticos, desde tempos immemoriaes, com sandalias ou leves alpercatas podem servir-se tambem das extremidades inferiores, a moda de mãos auxiliares para trepar e executar certos labores rudimentares.

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

que devia ter sido em Stella. Não viveu com a intensidade com que devia ter vivido o papel da peccadora victima do amor e do remorso. Maurice Blochus desempenhou com a mesma perfeição as figuras oppostas de Muche, de *Topaze* e dr. Harvester, de *Le Cyclone*.

Emfim Andrée Therroy ascendeu ao mesmo plano de Delia Col escarnando mme. Tabret. A scena da confissão do infanticidio foi de grande poder emotivo. Todos applaudiram com enthusiasmo e muitos choraram de emoção.

Se *Le Cyclone* tivesse sido o ultimo espectaculo, da temporada, não resistiriamos á chapa de proclamar que a C. D. Delia Col· Debucourt tinha encerrado com chave de ouro a série das suas representações.

OSCAR D'ALVA

O Homem Miraculoso

(Continuação)

fundada naquelle logar, onde o Patriarca continuaria a curar os enfermos. Mas tudo isso era só apparencia, pois o intento de Madison era, quando houvesse bastante dinheiro arrecadado, fugir da cidade com todo o bronze e ir com Helen gozál-o noutra parte.

Nesse interim, porém, tanto Helen como o "Sapo" se sentiam deveras attrahidos pela bondade do velho Patriarca. e Harrys, que se puzéra á testa do angariamento de novos pacientes, notava que em si se operava uma subita transformação. Só Madison, fiel aos seus planos de a todos roubar, se conservava rebelde e esperava que augmentasse a fortuna para fugir.

Um dia, desconfiando Madison da fidelidade dos companheiros, chamou-os á fala. Todos se negaram a seguir com o plano de explorar os milagres produzidos pelo Patriarca. Então, Madison, declarando-se inabalavel nos seus propositos, disse que abalaria sozinho nessa mesma noite da cidade — embora, chorosa, lhe pedisse Helen que não a abandonasse. Mas o rapaz tinha contra ella umas zangas e ciumes, por causa do millionario Thornton, em cujo hiate Helen estivéra a passear.

Entretanto, tendo abandonado a casa do Patriarca, preparava-se Madison para deixar a cidade, quando o procura o dito millionario para o felicitar por seus amores com Helen e entregar-lhe um cheque de 20 mil dollares para ajudar a edificação da capella. Admirado de tudo isso, Madison pede explicações ao millionario e este lhe confessa que, sim, quizéra casar com Helen, porém ella o recusára por já estar compromettida com Madison. E concluindo, disse-lhe Thornton:

— Eu sei que é ao senhor que ella sinceramente ama...

Mais tarde, indo procurar os companheiros, achou-os reunidos em volta do Patriarca, já muito debil.

— Disseram-me que tinhas ido embora, John, mas eu sabia que voltavas — exclamou o velho.

E pegando-lhe a mão pôl-a sobre a mão de Helen.

Deus os abençõe, meus filhos...

E ao dizel-o, sorria como um santo.

O SPORT PREDILECTO DOS ESCRIPTORES

Prefiro a esgrima porque me ensina a considerar o meu semelhante como um adversario. — *V. Errante*.

•

O footing — Nada melhor para descansar o espirito. — *J. Caprin*.

•

Barbear-me. E' o mais modesto, muito embora não seja o menos perigoso. — *Eduardo Mottini*.

•

A esgrima e o box, porque não tenho confiança nos tribunaes. — *Pitigrilli*.

•

O box porque, na occasião precisa, posso discorrer com argumentos persuasivos. — *J. Ravegnani*.

•

O alpinismo, porque nos compensa com a pureza das alturas. — *Virgilio Brochi*.

•

O tennis, porque adelgaça e conserva a agilidade. — *Arnaldo Cipolla*.

DICCIONARIO... REVOLUCIONARIO

A Academia da Russia vae iniciar a publicação de um Diccionario Revolucionario, que conterá mais de 200 mil nomes proprios.

UM PERSONAGEM DE BALZAC

O famoso personagem de Balzac, *Maximo de Trailles*, nada mais foi que uma copia fidelissima do conde Casimiro de Montroud, de quem largamente se occupa Henri Malo, em obra recentemente publicada.

AS MÃOS

Dizia Anaxágoras que se o homem não tivesse a mão que possue, tambem não teria a alma que o enaltece. A mão é tão intelligente como o rosto. Dize-me as mãos que tens e te direi quem és...

Nos *vaudevilles* da Revolução Franceza, os amigos do povo sacrificaram o philosopho Condorcet porque na taberna onde foi parar na sua fuga, disfarçado de camponio, descobriram suas as nobres mãos, finas e intelligentes, affeitas aos calculos de mathematica e ás profundas meditações e vigilias do grande pensador.

Mãos delatoras, mais ainda que a propria physionomia... Mãos espiritualisadas pela tensão mental!...

AGOSTO

Agosto, ó mês das almas tristes, vaso
De inspirações sombrias, dolorosas...
Porque é que as tuas auras perfumosas
Cantam na Ermida rúbida do Ocaso,

Esplendoroso e mystico Parnaso,
Onde as almas dos poétas, silenciosas,
Semi-envôltas em tunicas de rosas,
Vivem beijando o Azul sereno e raso!

Agosto, ó mês da Mágua, eu te saúdo!
Louvado seja o madrigal bemdito
Que entrelaças ás fimbrias de velludo

Do luar que vaga sobre as ondas quérulas
E azues do eterno oceano do Infinito,
Enastrado de opalas e de perolas!

WAGNER DE MONTALVÃO

(Do livro — "*Urna de Lagrimas*" a sahir)

Seara alheia

Pensamentos

A fatuidade compensa a falta de coração.

* * *

Nunca faltam razões, quando se fez fortuna, para esquecer um bemfeitor, ou um velho amigo, e recordar-se, então, com despeito, tudo que fizemos junto aos mesmos para dissimular os nossos verdadeiros sentimentos. — VAUVENARQUES.

Idéas

A alma moderna é movediça, complicada, torturada pela duvida e, acobardada pela consideração das infinitas complicações do mundo e das limitações

Chronicas d'um pedaço de burro

SONHOS DIURNOS

QUASI todos nós sonhamos; algumas vezes acordados, de dia; outras vezes, durante a noite, na cama, a dormir. O somno, entretanto, tem influencia directa sobre o sonho nocturno; assim, pois, temos muitos que são apparentemente sem pé nem cabeça, e cuja comprehensão nos escapa, pelo seu desproposito e absurdo, verdadeiros attentados á logica natural das coisas no sentido normal. O somno é um estado de concentração em que nos collocamos voluntariamente, afastando do cérebro tudo quanto possa conduzir á interferencia desse estado de afastamento, para qualquer outro interesse. O espirito diz: "Deixe-me só, que quero dormir: que ninguem me perturbe". E assim criamos o somno. O sonho acordado manifesta-se de outro modo, e não tem, contra si, a vontade de dormir, nem o estado de somno. Esse sonho, que chamaremos de "diurno", é muito interessante, muito variado e se apresenta de varias fórmas, conforme a disposição innata da pessôa, e assim como é muito util, é, tambem, por vezes, nocivo. Os individuos trabalhadores constróem seus castellos, planejam as batalhas, da vida, os seus planos, desenham as chiméras e as realizam; vencem os obstaculos, irradiam o dynamismo da vida e nesses sonhos diurnos conseguem em espirito as mais acertadas conquistas que os animam quando sahem desse estado para a realidade material. São como reservatorios inesgottaveis de vigor mental.

Quando n'uma difficuldade real se encontram mal, levando o peor partido do embate — um mau negocio, um fracasso commercial, um desgosto em familia, um plano que falha, um lar que não anda bem, uma paixão não correspondida, emfim, qualquer dessas mil modalidades para motivo de contrariedade e desgosto, — o individuo vae ao seu Eu, concentra-se nelle e com um sonho diurno bem elaborado, bem preparado, toma o seu banho de optimismo e alento que o conserva contra as vissitudes da vida diaria, dando-lhe esperança, animando-o e construindo novos planos, revigorando-o, emifm. Felizes são esses que assim pódem proceder! São os chamados fortes de espirito, batalhadores, lutadores que não se entregam; são os optimistas, que enxergam por um prisma côr de rósa. Esses, sonham de dia, da maneira mais proveitosa que póde haver.

Agora vamos ver outros sonhadores. Inconcientemente, não estão satisfeitos; não vão bem; si possuem dinheiro, querem, a Felicidade, andam eternamente a buscál-a. Onde está ella? Eu não a encontro. Do Brasil, querem ir á Europa; de lá, querem voltar! Os negocios optimos são soffriveis; os bons, não prestam. Si possuem bôa saúde, esquecem-se d'ella buscando prazeres; pensando que só os inaccessiveis é que contêm a Felicidade e assim vivem amargamente, a resmungar.

Uma excellente esposa não presta para nada e um marido bastante bom é horrivel porque

do entendimento, passa perpetuamente do dogmatismo ao scepticismo e do materialismo ao espiritualismo.

* * *

A conformidade de gostos, de aptidões e de inclinações, em vez de ser motivo de harmonia e de paz é causa frequente de desgosto e desavença, porque, cada um, por tendencia natural de seu espirito, busca nos demais aquillo que lhe falta, aborrecendo-se e desgostando-se ao ver repetidos pelos outros os defeitos que possue. — Ramon y Cajal.

Rosas

Deixai difundir-se a graça do agradecimento ao invisivel, larga, prodigamente, sem receio de que ella encha e roube o vosso dia de trabalho.

Porque ella, como uma rosa magnifica e completa, não occupará mais céo, cada dia, que o que é justo, que é o seu. Do tamanho do coração agradecido e puro, será tão grande como o universo e tão pequena como a necessidade. — Juan Ramon Jimenez.

---

está tão longe, na sua realidade de sêr humano, de um outro marido que um escriptor nevrotico descreveu tão bem n'um romance que ella leu e ainda está lendo... Homens perfeitos dos romances! Quantas desgraças tendes causado! Quantos lares ainda terão que ser desmoronados por esses typos sublimes e ideaes que andam pelas paginas branco-cinza das brochuras celebres!

Os sonhos diurnos dos pessimistas são assim. Em busca sempre das coisas melhores que não se encontram. Collocando sempre mais longe o ponto a ser alcançado.

Elles lá não conseguem chegar. A estrada é ingreme e longa. Ha tanta pedra pelo caminho! Vivem como o perú a dar bicadas no outro perú do espelho...

E assim vão passando a vida, com a alma em honesta e consciente revolta. Que o mundo é ruim, que a humanidade é defeituosa — que os bons são aquelles que não nos pertence... Esperam sempre o pagamento do bem pela mesma pessôa, quando se deve sempre esperál-o de outro. O homem que pratica um bom acto esperando troco immediato, no mesmo ponto, está pensando n'uma transacção commercial e não n'uma acção nobilitante e digna da alma.

Os maiores beneficios nos vem frequentemente de desconhecidos ou d'aquelles a quem jamais servimos. E' um paradoxo tão verdadeiro e real, que poucos são os que se dão ao trabalho de raciocinar para comprovar com experiencia propria.

O Bem com o Bem se paga... E' um velho dictado, mas não quer dizer que é pela mesma pessôa a quem fizemos.

E' assim que vivem os predispostos ao "sonho diurno" pessimista. "Tudo o que eu quero vae mal" — dizem elles "Achei uma bôa menina; ia casar-me com ella; mas não vou mais. Felizmente! Imagina no que eu ia embarcando!" E nos fazem uma narrativa que sem duvida nos convence que ella, a bôa moça, não poderia ter realmente sahido das paginas romanticas de um livro de mulher perfeita e maravilhosa, mas que nem por isso teria que deixar de ser uma muito digna esposa e companheira. Ha, tambem, — e esses são a maioria — os que não dizem muito as claras o que vae lá pelo cérebro! Ha as esposas que soffrem horrivelmente com os "maus tratos" do marido, — maus tratos que não passam da distancia que o separa dos "Beau-Gestes" e "Beau Brummel", os quaes, de tanto lêr e relêr, até nós mesmo, os optimistas, acabamos por acreditar que existem. Esses bellos exemplares da raça humana, d'uma perfeição etherea, e que vagueiam ao sabor do cérebro das mulheres romanticas que andam até a morte em busca do "Beau Ideal"...

Temos, pois, uma breve synopse do "sonho diurno". Uns recebem o beneficio constructivo, calmante, tonico, regenerador de forças, que elle nos dá. Outros não assimilam tão bem; usam-no para a procura de mais sonhos, o sonho dos sonhos. O estudo mais profundo de psycho analyse, mais tarde, nos dará a explicação insophysmavel desse estado mental; dirá porque uns olham a vida pelo prisma côr de rosa e outros não Porque uns vivem felizes e outros deixam de viver, mergulhados que andam na eterna procura da Felicidade.

D. G. Coimbra

O INTERPRETE GREGO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

Durante a minha longa e intensa convivencia com Sherlock Holmes, nunca o ouvi referir-se á familia e eram raras as vezes em que deante de mim, elle alludia ao seu passado.

Esta exagerada reserva, concorrera muito para augmentar a extranha impressão que Holmes produzia sobre mim, e tinha feito com que eu o encarasse como um phenome singular, um ente sem coração, tão desprovido de sensibilidade quanto superior pelo talento.

A sua aversão pelas mulheres e a repugnancia que tinha em crear novas relações, eram symptomas tão caracteristicos da sua insensibilidade, como a obstinada mania de nunca falar nos seus.

Tinha acabado por suppol-o orphão e sem laço algum de familia, quando com grande espanto meu, o ouvi um dia falar do irmão.

Passou-se isso numa tarde quente de verão. Depois do chá, a palestra decorrera variada; falaramos do jogo do "golf" e pasando ás causas da obliquidade da elliptica, cahiramos em questões de atavismo e aptidões hereditarias.

Tratava-se de determinar, até que ponto, n'um individuo, uma faculdade pode ser attribuida á hereditariedade ou á educação.

— Tomando-o a V. para exemplo, disse eu, e depois de tudo o que me tem contado, parece-me evidente, que as suas faculdades de observação e de deducção são quasi exclusivamente devidas a um exercicio aturado e constante.

— Até um certo ponto, respondeu-me elle com um ar pensativo. Os meus antepassados eram nobres e levaram a vida que é inherente á sua classe. Devo ter, comtudo, esta predisposição no meu sangue pelo lado de minha avó, que era irmã do artista francez Vernet. A arte, quando é uma herança atavica, toma ás vezes fórmas caprichosas.

— Mas como saber que essas faculdades são hereditarias?

— Porque o meu irmão Microft as possue e até num grau mais elevado do que eu.

Isto para mim era uma das mais completas novidades.

Se existia em Inglaterra um homem com as mesmas aptidões do meu amigo, por que é que o publico e a policia de Londres o não tinham ouvido mencionar?

Perguntei-o a Holmes convencido de que só um excesso de modestia o levava a falar assim da superioridade do irmão.

— Meu caro Watson, não sou daquelles que julgam a modestia uma virtude. Uma pessoa logica deve encarar os factos com precisão, e o que não sabe aquilatar o seu proprio valor erra tanto, como aquelles que exageram os seus meritos. Quando lhe affirmo que Microft é um observador mais perspicaz do que eu, pode ter a certeza de que lhe digo a verdade.

— Seu irmão é mais novo?

— Não, tem mais sete annos do que eu.

— Porque ficou então na obscuridade?

— E' conhecidissimo no seu meio.

— Mas que meio é esse?

— Ora essa! O "Club Diogenes" por exemplo.

Nunca tinha ouvido falar em semelhante club e a minha physionomia traduzia um espanto tal que Sherlock consultou o relogio, e proseguiu, dizendo:

— O "Club Diogenes" é o club mais extraordinario de Londres, e Mycroft, uma das creaturas mais originaes que conheço. Não falta lá nenhuma tarde das quatro e tres quarto ás sete e quarenta. São seis horas; e se quer aproveitar esta bellissima tarde para dar uma volta, terei o maior prazer em lhe apresentar esse phenomeno.

Passados cinco minutos iamos a caminho de Regent-Circus.

— Admira-se, disse-me o meu companheiro, de que Mycroft não ponha as suas faculdades ao serviço da justiça para a ajudar em pesquizas? E' incapaz diso.

— Julgava que lhe ouvira dizer...

— Que elle é o meu mestre em asumptos de observação e de deducção? Se a arte do investigador policial se resumisse em permanecer num *fauteuil*, seguindo um raciocinio de ponta á ponta, meu irmão seria o mais celebre investigador que a humanidade jamais possuiu. Mas falta-lhe ambição e energia. Nunca se dará ao trabalho de verificar as suas descobertas, e prefere que os outros supponham que elle se engana, a ter o trabalho de demonstrar as suas razões. Tenho lhe dado a resolver muitos problemas e a solução que elle encontra é sempre a verdadeira. Comtudo, é incapaz de conhecer os pontos que em qualquer questão precisam de ser inquiridos em primeiro logar, antes de ser presente aos juizes ou ao jury.

— Não é essa então a sua profissão?

— De fórma alguma: o que é para mim uma carreira, para elle é apenas um passatempo de amador. Tem uma decidida vocação para o calculo, verifica contas nas repartições do Estado. Mycroft mora em Pall Mall, vae todas as manhãs até Whitehall e á tarde volta para casa. Ha muitos annos que não faz outro exercicio. Só se encontra ou lá, ou no "Club Diogenes", que é mesmo defronte da casa onde mora.

— Não o conheço nem de nome.

— Não me admira. Ha em Londres multos homens que detestam, por timidez ou por misanthropia, a convivencia do seu semelhante; comtudo apreciam o conforto e a leitura.

"No club encontram um bom fauteuil, revistas, jornaes, e foi para estes que o "Club Diogenes" foi fundado.

"Actualmente é composto da melhor collecção de creaturas insociaveis e originaes que a cidade abriga.

"E' prohibido aos socios occuparem-se respectivamente um dos outros, excepto na sala dos extrangeiros: é prohibido falar, e será expulso todo aquelle que por tres vezes infringir o regulamento.

"Meu irmão é um dos socios fundadores do club, e eu proprio, quando lá vou, sinto sempre a calma influencia daquelle ambiente respeitavel."

Entretidos com a conversa tinhamos chegado a Pall Mall atravez Saint James Street. Sherlock Holmes parou a uma porta defronte do Hotel Carlton, e fazendo-me um signal para eu me calar, entrou adeante de mim no vestibulo.

Atravez dos vidros vi uma sala grande e luxuosa, onde em varios cantos estavam individuos a ler.

Holmes fez-me entrar num quarto que deitava para Pall Mall e deixou-me só durante uns momentos, voltando pouco depois com um individuo que não podia deixar da ser o irmão.

Mycroft Holmes era mais alto e mais forte do que Sherlock, e sobretudo mais corpulento; as feições muito accentuadas tinham aquella expressão de finura que no irmão era tão saliente.

Dos olhos, dum cinzento esverdeado muito caracteristico, evolaxase um olhar penetrante e profundo que eu observava ja em Sherlock Holmes, sempre que elle punha em acção as suas faculdades.

— Tenho o maior prazer em o conhecer, disse-me elle, estendendo-me uma mão larga e achatada como uma barbatana de phoca. Desde que Sherlock encontrou no senhor o seu chronista, toda a gente se occupa delle. A proposito, Sherlock, esperei ver-te a semana passada por causa da questão de "Manor-house". Julgava que estivesses um pouco embaraçado, e que quizesses consultar-me.

— Não foi preciso; destrinchei sosinho o caso, respondeu o meu amigo sorrindo.

— Naturalmente era Adams.

— Era sim.

— Estava disso convencido desde o principio.

Os dous irmãos sentaram-se juntos, no vão da janella.

— Para quem quizer estudar o genero humano, não ha logar mais adequado do que este, disse Mycroft. Reparem na nossa direcção, que typos tão curiosos!

— O marcador do bilhar e o outro?

— Exactamente. E que te parace o outro?

Os dois homens tinham parado defronte da janella. Eu não percebia outros indicios que me suggerissem a idéa do bilhar, a não ser uns traços de giz nas algibeiras do collete de um delles. O outro era um individuo baixo e rosto accentuadamente moreno, trazia o chapéo para traz e muitos embrulhos na mão.

— E' um antigo soldado disse Holmes.

— Licenciado ha pouco tempo, accrescentou o irmão.

— Serviu no exercito da India, segundo creio.

— Supponho que pertencia á artilheria real.

— E' viuvo.

— E tem um filho.

Mais do que um, meu caro amigo, mais do que um.

— Mas senhores! isso é espantoso! disse eu sorrindo.

— E' tudo quanto ha de mais facil, respondeu Holmes; percebe-se que um homem com um ar tão autoritario e uma tez tão queimada pelo sol, é um soldado e não um paisano; um soldado recem-chegado das Indias.

— E que acaba de deixar o serviço, visto que ainda traz o calçado da ordenança, observou Mycroft. Não tem o andar especial dos cavalheiros, e comtudo a pelle do rosto mais escura de um lado que do outro, prova que elle usava uma barretina e que a punha á banda na cabeça.

"O peso impedeo de ter sido um sapador; portanto só podia pertencer á artilharia. Além disso o luto que traz indica que lhe morreu alguem mais proximo, naturalmente a mulher, visto que é elle que anda a fazer compras, e são brinquedos para creanças que leva n'aquelles embrulhos; repare n'aquella roca; a mulher deve ter morrido de parto. Finalmente o livro de bonecos que leva, tambem prova que é pae de varias creanças.

O meu amigo affirmara que as faculdades do irmão ainda eram mais extraordinarias do que as suas, e eu começava a convencer-me disso.

Holmes olhou rapidamente para mim e sorriu-se; Mycroft tirou uma pitada de uma caixinha de tartartaruga, e com um grande lenço de seda, limpou os restos de tabaco que lhe tinham cahido no fato.

— A proposito, Sherlock, disse elle, vieram consultar-me sobre um caso que te deve interessar muito, um caso originalissimo na verdade. Não tive coragem de o estudar até o fim; examinei-o por alto, mas o ponto de partida que me serviu de base permitiu-me fazer observações interessantes. Se estás disposto a ouvir-me vou-te expor os factos taes quaes se passaram.

— Com muito prazer, meu caro Mycroft.

O irmão de Sherlock rabiscou umas palavras numa folha do seu livro de notas chamou um creado e entregou-lh'a.

— Pedi ao sr. Melas para vir aqui um momento, disse. Elle mora no andar de cima e conhecemo-nos um pouco. E' mesmo esta a explicação de elle se ter dirigido a mim nas difficeis circumstancias em que se encontra. Melas é grego de origem, e um linguista notavel. Ganha a sua vida quer como interprete official nos tribunaes, quer como guia ao serviço dos ricos orientaes que frequentam os hoteis da Avenida Northumberland. Mas é talvez preferivel ouvir da sua boca a extranha aventura em que se viu envolvido.

Passados alguns minutos o individuo em questão tinha chegado. Era uma creatura baixa com uma côr de rosto amarellada, e com uns cabellos dum negro azeviche que mostravam claramente a sua origem meridional, apezar de ter uma pronuncia de Holmes, e nos olhos transpareceu-lhe uma grande

(*Cont. na pagina seguinte*).

alegria, quando soube que o celebre policia amador desejava ouvir a narração da sua aventura.

Não quero crêr que a policia acredite nas minhas declarações; não posso acreditar, disse elle com um tom ironico. Como nunca ouviram falar dum caso desta natureza não acreditam que elle se possa ter dado. Eu é que nunca mais tenho socego, emquanto não souber o que foi feito desse desgraçado que vi com a cara coberta de tafetá.

— Estou-o ouvindo com o maior interesse, disse Sherlock Holmes.

— Estamos em quarta-feira á tarde, disse Melas, e o caso passou-se ha dois dias, na noite de segunda-feira. O meu vizinho já lhes deve ter dito que sou interprete. Conheço menos mal todas as linguas; mas como sou de origem grega e como o meu nome é grego, é o grego que prefiro falar. Ha muitos annos que sou o primeiro interprete de Londres, e o meu nome é conhecidissimo em todos os hoteis.

"Acontece muitas vezes ser chamado a qualquer hora por estrangeiros que se vêm embaraçados, ou que por chegarem tarde, precisam do meu auxilio. Não me surprehendi portanto, quando segunda-feira passada entrou um individuo em minha casa, um tal Latimer, vestido com elegancia, e que me vinha pedir para o acompanhar.

"A porta esperava-nos uma carruagem. Contou-me o meu companheiro que um seu amigo grego, tinha vindo procural-o para tratar de um negocio, e como falava apenas a sua lingua, precisavam recorrer a um interprete.

"Deu-me a entender que morava longe, em Kesington, e apenas chegamos cá fora, instou com muita amabilidade para eu subir logo para a carruagem. Não me pareceu uma carruagem de praça, antes tinha ar de ser particular.

"Era maior que o desgracioso vehiculo londrino de quatro rodas, e arranjado com gosto no interior, que comtudo me pareceu muito usado. Latimer assentou-se defronte de mim, e partimos atravessando Charing Cross e Shatesbury Avenue.

"Já estavamos em Oxford Street quando lhe fiz notar que iamos dar uma volta enorme para chegarmos a Kesington; mas nesse mesmo instante o meu companheiro começava um singular manejo.

"Tirou da algibeira uma moca, reforçada com chumbo na ponta, e agitou-a no ar como para lhe tomar o peso e lhe calcular a força; depois, sem pronunciar palavra, collocou-a ao seu lado na almofada da carruagem.

"Em seguida levantou os vidros das portinholas e fiquei espantadissimo ao reparar que lhe tinham collado papel para os tornar opacos.

— Tenho sincera pena de lhe tapar a vista, mas preciso occultar-lhe o sitio para onde nos dirigimos.

Se algum dia pudesse reconhecer o caminho, causar-me-ia com isso muitos transtornos.

"Calcula bem quanto me incommodaram estas affirmações. O meu companheiro era um rapaz robusto, de hombros largos, e mesmo sem armas podia fazer-me em postas.

— "O seu procedimento é extraordinario, sr. Latimer, exclamei eu; saiba que tudo quanto está fazendo é uma grande illegalidade.

—"Reconheço com effeito que é uma arbitrariedade, disse-me elle, mas nós o recompensaremos; só o quero prevenir, sr. Melas, que se tentar esta noite dar alarma, ou se me prejudicar na cousa mais insignificante, isso será para si uma grande desgraça. Lembre-se que todos ignoram o seu actual paradeiro, e que tanto nesta carruagem, como em minha casa está inteiramente á minha disposição.

"Falava tranquillamente, mas proferindo as palavras em tom secco e ameaçador.

"Eu permanecia silencioso, tentando explicar a mim proprio as causas deste extranho rapto.

"Não podendo de forma alguma pensar em empregar resistencia, percebi que o unico partido a tomar era aguardar serenamente os acontecimentos.

"Durante duas horas rodamos sem que me fosse possivel perceber para onde nos dirigiamos.

"Umas vezes, o barulho que as rodas faziam nas pedras, mostrava-me que atravessavamos uma calçada, outras pelo som surdo e abafado, percebia-se que seguiamos por asphalto; mas, tirando isso, nada me indicava o sitio onde estavamos.

"O papel collado nos vidros das portinholas não deixava passar um unico raio de luz, e os da frente estavam tambem tapados com cortinas azues. Tinhamos partido de Pall-Mall ás sete horas e um quarto, e eram nove horas menos dez no meu relogio, quando finalmente a carruagem parou.

"O meu companheiro desceu o vidro e avistei vagamente uma porta baixa e abobadada que uma lanterna alumiava.

"Obrigaram-me a descer da carruagem, a porta abriu-se na minha frente e tive, ao entrar, a vaga sensação de que me achava no campo, numa propriedade particular. Um bico de gaz, coberto com um vidro de côr, alumiava o interior da casa, e á sua fraca claridade, reparei que o vestibulo era de uma extensão regular e guarnecido com quadros.

"A essa meia luz, pude observar o individuo que me abrira a porta e que era um homem magro, de pequena estatura, que já não era moço, sem comtudo ser velho, e que tinha as costas abauladas. Quando se voltou para nós, a claridade deu-lhe em cheio e vi que usava lunetas.

— "E' este o sr. Melas, Harold? perguntou elle.

— "E', sim.

— "Bravo, bravo! Espero que não nos queira mal! Precisavamos absolutamente de si. Si se portar bem, não se arrependerá, mas desgraçado de si se pensar em nos fazer alguma partida!

"Falava nervosa e sacudidamente, entrecortando as palavras com risadinhas; impressionou-me mais do que o outro.

— "Mas o que querem de mim? perguntei.

— "Pedirmos-lhe apenas que faça algumas perguntas a um grego que é nosso hospede, e que nos traduza as respostas que elle der. Mas não diga senão o que nós lhe dictarmos, porque no caso contrario (e recomeçou com as risadinhas) era bem melhor para si não ter nascido.

"Abriu em seguida uma porta, e conduziu-me a um quarto que me pareceu ricamente mobiliado e que, como o vestibulo, apenas era alumiado por um bico de gaz.

"O aposento era vasto e com tapetes muito macios. "Entrevi vagamente umas cadeiras de velludo, uma chaminé alta em marmore branco, e qualquer cousa que me pareceu ser uma armadura japoneza. Por baixo do candieiro, estava uma cadeira de onde o mais edoso dos dois, me convidou a sentar-me. O mais novo desapparecêra, mas voltou dahi a pouco com um personagem que envergava um simples balandrau, e que se dirigiu lentamente para nós.

"Quando a tenue luz incidiu nelle e o pude ver distinctamente, fiquei horrorizado.

"Era um homem pallido como um defunto, e extremamente magro. Os olhos muito brilhantes e á flôr do rosto, mostravam bem que elle só vivia dos nervos. Comtudo, o que mais me espantou, foi ver-lhe a cara completamente desfigurada com pedaços de *tafetá* que até lhe tapavam a bocca.

— "Já tens a ardosia, Harold? perguntou o mais velho dos dois homens, emquanto a extraordinaria creatura se dirigia para um *fauteuil*. As mãos estão livres? Bem. Agora dá-lhe o lapis. O senhor Melas vae-lhe fazer umas perguntas, e elle escreverá as respostas. Pergunte-lhe primeiro que tudo, se está disposto a assignar estes papeis?

"Os olhos do homem faiscaram.

— "Nunca, escreveu elle em grego na ardosia.

— "Por nada deste mundo? perguntei-lhe eu, por ordem do tyranno.

— "Só no caso de a vêr casar em minha presença e que a case um padre grego que eu conheço.

— "Já sabe então o que o espera?

— "E'-me absolutamente indiffente.

"Taes foram algumas das perguntas e respostas trocadas durante esta conversa meio falada e meio escripta.

"Perguntei-lhe varias vezes de novo se estava disposto a assignar os papeis. Recusou-se sempre com indignação. De repente veiu-me uma idéa luminosa, tentei accrescentar algumas palavras minhas ás perguntas que me obrigavam a fazer-lhe.

"Primeiro fiz umas perguntas sem importancia para apalpar o terreno e para ver se as pessôas que nos rodeavam percebiam a manobra. Quando tive a certeza de que elles não davam signal de receio tentei um manejo mais perigoso; e eis em algumas palavras o resumo da nossa conversa.

— "Não ganhará nada em estar a teimar. *Quem é o senhor?*

— "Pouco importa. *Sou um desconhecido em Londres.*

— "A sua vida depende do que responder. *Ha quanto tempo está aqui?*

— "Não faz mal. *Tres semanas.*

— "Não sereis possuidor da cousa que se discute. *O que o faz soffrer?*

— "Nunca ha-de pertencer a bandidos. *Matam-me á fome.*

— "Se assignar, dar-lhe-ei a liberdade. *De quem é esta casa?*

— "Nunca assignarei. *Ignoro absolutamente.*

— "Assim não lhe será util. *Como se chama?*

— "Que ella proprio m'o diga. *Kratides.*

— "Só a verá se assignar. *Qual é a sua terra?*

— "Então nunca a verei. *Athenas.*

— "Cinco minutos mais, sr. Holmes, e eu teria descoberto toda a verdade, defronte delles, nas suas proprias barbas. Mais uma pergunta podia revelar-me o segredo. Mas precisamente neste momento abriu-se a porta para dar passagem a uma mulher. Tudo quanto della pude ver na semi-obscuridade que nos envolvia, é que era alta e graciosa. Pareceu-me que tinha cabellos negros e deu-me a idéa de que trazia uma veste branca, muito solta.

— "Harold, disse ella, falando inglez com má pronuncia, não posso estar muito tempo afastada de si. Sinto-me tão só lá em cima! Oh meu Deus! Paulo!

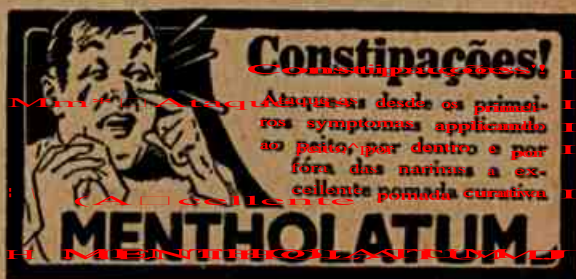
"Estas ultimas palavras foram ditas em grego, e no mesmo instante, o homem, num gesto convulsivo, tirou o *tafetá* dos beiços e lançou-se nos braços da mulher, gritando: "Sophia, Sophia".

Não durou porém, mais do que um instante o seu amplexo, pois que o homem mais novo agarrou a mulher e empurrou-a para fóra do quarto, emquanto o outro, apossando-se da sua victima, reduzida ao estado de um esqueleto, a fazia sahir brutalmente pela outra porta.

Eu fiquei só por um instante na salinha, e dispunha-me a aproveitar esse momento de tregua para observar o que se passava naquella casa quando, felizmente para mim, antes de me precitar levantei os olhos e vi-me espiado pelo individuo mais velho, que estava no limiar da porta.

— "Basta, sr. Mélas, me disse elle. Vê que lhe confiamos segredos de ordem muito intima. Não o teriamos com certeza importunado se o nosso amigo que falava grego e que principiou as negociações, não tivesse sido forçado a voltar para o Oriente. Precisamos absolutamente, de alguem para o substituir, e deu-se o caso de ouvirmos falar em si, como sendo uma pessôa muito competente.

"Inclinei-me a agradecer.

— "Espero que acceitará cinco libras esterlinas, como paga deste serviço, mas lembre-se bem, accrescentou elle com uma gargalhada, ao mesmo tempo que batia com as mãos no peito, que lhe acontecerá séria desgraça se falar a qualquer mortal naquillo que aqui viu.

"Não encontro palavras para exprimir o horror e a repulsão que me inspirou esse homem não obstante a sua apparencia tão risonha.

"O lampeão que neste instante o illuminava directamente, deu-me occasião a que o observasse melhor ainda! Tinha umas feições angulosas e uma pelle descorada. A barba curta e rara, talhada em bico, parecia de estopa. Estendia a cara quando falava, tinha os beiços e as palpebras continuamente agitados por um tremor como se estivessem atacados do mal de S. Guido.

"Tive a impressão de que aquella gargalhada estranha, era o symptoma de uma doença nervosa.

"Mas o que dava á sua physionomia um aspecto repellente, eram sobretudo, os olhos cinzentos, com um olhar duro, nos quaes se lia uma expressão de crueldade feroz.

(*Cont. na pagina seguinte*).

—"Saberemos logo, se falar, disse-me elle. Temos a nossa policia secreta. Agora, está alli a carruagem, e o amigo vos porá a caminho.

"Não me conduziram, empurraram-me para o vestibulo e para a carruagem, e de novo tive a impressão de que entrevia arvores e um jardim.

"O sr. Latimer seguiu-me logo atraz, e no carro collocou-se na minha frente sem proferir uma palavra.

"Os vidros estavam cautelosamente levantados. Os cavallos foram-n'os puxando durante muito tempo e não pararam senão á meia noite.

—"Queira descer aqui, sr. Mélas, disse-me o meu companheiro. Tenho muita pena de o deixar tão longe de casa, mas não posso fazer outra coisa. Não tente seguir a carruagem, podia-se arrepender.

"Emquanto falava, abria a portinhola; mal tive tempo de pôr o pé em terra já o cocheiro fustigava os animaes que partiram a trote.

"Olhei em roda de mim e fiquei surprehendido de me encontrar numa especie de terreno baldio coberto de herva, semeado aqui e além de grupos de arbustos de folhagem sombria.

"Ao longe uma linha de casas, das quaes algumas janellas nos primeiros andares estavam illuminadas; do outro lado, avistei a luz vermelha de um pharol de caminho de ferro.

"A carruagem que me levára estava já fóra de vista, e eu conservava-me immovel, perguntando a mim mesmo, onde poderia estar, quando entrevi na obscuridade alguem que avançava para mim e reconheci um empregado da estação do caminho de ferro.

—"Póde dizer onde estou? perguntei.

—"Nos terrenos communaes de Wandsworth, respondeu.

—"Haverá um trem que me leve para a cidade.

—"Se não receia andar cerca de uma milha até Claphan Junction, chegará a tempo de apanhar o ultimo trem com destino a Victoria.

"Assim acabou a minha aventura, senhor Holmes. Ignoro onde fui e com quem falei, não sei sinão aquillo que lhes contei.

"Mas do que estou certo é que se passa alli um drama horrivel, e desejaria de qualquer maneira ir em auxilio desse desgraçado. No dia seguinte contei o caso ao senhor Mycroft Holmes, e depois á policia."

Ficamos alguns instantes silenciosos em seguida a esta estranha narração.

Sherlock Holmes rompeu o silencio antes de mais ninguem e dirigiu-se ao irmão:

— Vês uma pista qualquer?

Como unica resposta, Mycroft deitou a mão ao *Daily-News* que estava num canto da mesa. Lia-se nelle:

"Alviçaras a quem der noticias de um grego d'Athenas chamado Kratides, que não sabe inglez; as mesmas alviçaras a quem descobrir uma senhora grega cujo primeiro nome é Sophia. X 2473."

— Este annuncio veiu em todos os jornaes e até agora ninguem respondeu a semelhantes indagações.

— Que diz a legação da Grecia.

— Fui lá e não pude obter nenhum esclarecimento.

— Então é preciso telegraphar ao chefe da policia em Athenas.

— Sherlock Holmes é o grande homem da familia, disse Mycroft voltando-se para mim; que elle tome pois conta do caso; eu quero apenas saber do resultado.

— Está combinado, respondeu o meu amigo, levantando-se. O sr. Mélas será tambem informado. Entretanto previna-se... Essa gente sabe já pelos annuncios que os trahiu.

Ao voltar para casa Holmes parou numa estação telegraphica para expedir diversos telegrammas.

— Vê, Watson, que não perdemos a nossa noite. Já tenho tido por intermedio de Mycroft immensos casos dos mais empolgantes a estudar. Este que nos occupa no momento actual, não admitte senão uma solução, mas tem em todo o caso, aspectos interessantes.

— Imagina resolvel-os?

— Sabemos mais do que o sufficiente para que não deixemos de descobrir o que está ainda obscuro. Deve desde já fazer uma idéa nitida da situação, baseando-se nos pormenores expostos.

— Uma idéa mais ou menos vaga.

— Diga-a em todo o caso.

— Parece-me evidente que a rapariga grega foi raptada pelo inglez Harold Latimer...

— Raptada de onde?

— Talvez de Athenas.

Sherlock sacudiu a cabeça.

— O rapaz não diz uma palavra em grego, a rapariga fala o inglez soffrivelmente: prova isto que ella esteve algum tempo em Inglaterra, e que ahi, Latimer a persuadiu a fugir com elle.

— Essa solução é muito provavel.

"E o irmão, pois é o parentesco que lhe attribuo, teria chegado da Grecia para se intrometter no caso.

"Metteu-se imprudentemente nas mãos do rapaz e do seu cumplice mais velho. Estes dois individuos sequestraram-n'o, e servem-se da violencia para o levar a assignar papeis que lhes assegurem a fortuna da rapariga (elle é ao mesmo tempo irmão e tutor).

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno ... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno ... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno ... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno ... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso

Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 31, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado .... 1$500